

**FACULDADES EST**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

**IZABELLE COELHO LOPES**

**O FENÔMENO DO OUTRAR-SE NO INÍCIO DA VIDA CONJUGAL:  
UMA APROXIMAÇÃO PSICOLÓGICA E TEOLÓGICA**

São Leopoldo

2016

IZABELLE COELHO LOPES

O FENÔMENO DO OUTRAR-SE NO INÍCIO DA VIDA CONJUGAL:  
UMA APROXIMAÇÃO PSICOLÓGICA E TEOLÓGICA

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para a obtenção do grau de  
Mestra em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Linha de Pesquisa: Dimensões do Cuidado e  
Práticas Sociais

Orientadora: Karin Hellen Kepler Wondracek

São Leopoldo

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L864f Lopes, Izabelle Coelho  
O fenômeno do outrar-se no início da vida conjugal :  
uma aproximação psicológica e teológica / Izabelle Coelho  
Lopes ; orientadora Karin Hellen Kepler Wondracek. – São  
Leopoldo : EST/PPG, 2016.  
80 p. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de  
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,  
2016.

1. Relação homem-mulher. 2. Casamento – Aspectos  
psicológicos. 3. Amor. I. Wondracek, Karin Hellen Kepler. II.  
Título.

IZABELLE COELHO LOPES

O FENÔMENO DO OUTRAR-SE NO INÍCIO DA VIDA CONJUGAL:  
UMA APROXIMAÇÃO PSICOLÓGICA E TEOLÓGICA

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para a obtenção do grau de  
Mestra em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Linha de Pesquisa: Dimensões do Cuidado e  
Práticas Sociais

Data de Aprovação: 18 de janeiro de 2016

Karin Hellen Kepler Wondracek – Doutora em Teologia – Faculdades EST

---

Iuri Andréas Reblin – Doutor em Teologia – Faculdades EST

---



Dedico este trabalho aos meus pais Alverne e Izabel, por todo amor e confiança que dedicam a mim.



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por sempre conduzir minha vida, permitindo meu crescimento espiritual nesses dois anos de jornada. Sem Ele nada disso seria possível. Ao meu querido marido, Silvio Neto, por entender e apoiar todas as vezes que precisei me ausentar e por sempre me dar forças para continuar. Amo você!

Aos meus irmãos Alvaro e Izadora, por me apoiarem estando sempre ao meu lado. A minha família, por me proporcionar momentos de amor, carinho, cuidado, atenção, respeito e fé. Orientando-me em situações de dúvidas, tristeza, medo, dificuldade e, por terem sido compreensíveis nos momentos em que não pude estar totalmente presente em suas vidas. Aos meus amigos, que me apoiaram e me incentivaram perante os desafios encontrados, em especial, Dineide dos Santos, Jociléia Bezerra, Ruy Guilherme e Simone Pereira por todos os momentos juntos.

À psicóloga Margareth Muniz, por ser a precursora do mestrado em minha vida; A minha orientadora Dr. Karen H. K. Wondracek, por ter aceitado com empenho, júbilo e dedicação, guiar-me durante esta instigante pesquisa. A todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram e estiveram presentes nessa jornada.



“Ainda que tivesse o dom da profecia,  
conhecimento de todos os mistérios e de toda a  
ciência; ainda que eu tivesse toda a fé, a ponto  
de transportar montanhas, se não tivesse o  
amor, eu não seria nada...”.

I Coríntios 13:2



## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar em pesquisa de cunho bibliográfico, a partir de diferentes perspectivas, o fenômeno do outrar-se no início da vida conjugal. Pretende identificar de que modos o começo desta vida pode intensificar o processo do outramento, além de verificar como as diferenças comportamentais no início da vida do casal dificultam o processo de outrar-se. Procurou-se analisar como esse processo pode minimizar o estranhamento com o outro. O primeiro capítulo trata-se da relação amorosa e das multiplicidades do amor. No segundo capítulo fez-se um levantamento sobre o início da vida do casal; e o último capítulo traz as potencialidades do outramento na relação com o outro. Os resultados apontam que não basta pensar somente no que poderá auxiliar nas vicissitudes conjugais, mas que é necessário, por em prática os desejos de cada um. Logo, não há diferença que sobreponha o querer estar junto, se este for o objetivo do casal, não há dificuldades que não possa ser superada em comunhão e não há unicidade que não possa ser construtora de dualidade. Conclui-se que empatia, amor, alteridade, companheirismo e querer são atribuições do casamento, e o outrar-se é condição para existência do casal.

**Palavras-chave:** Outrar-se. Conjugalidade. Relações Amorosas.



## **ABSTRACT**

The goal of this paper is to investigate with bibliographic research, based on different perspectives, the phenomenon of revealing oneself through the other in the beginning of married life. It intends to identify in what ways the beginning of this life can intensify the process of revealing oneself through the other, besides verifying how the behavioral differences in the beginning of the life as a couple can make the process of revealing oneself through the other difficult. The search was to analyze how this process can minimize the estrangement with the other. The first chapter deals with the love relationship and the multiplicities of love. In the second chapter a survey was done about the beginning of life as a couple; and the last chapter brings the potentialities of revealing oneself through the other in the relationship with the other. The results showed that it is not enough to think only on what can help in the conjugal vicissitudes, but that it is necessary to put into practice the desires of each. Thus, there is no difference which is above wanting to be together, if this is the goal of the couple, there are no difficulties which cannot be overcome in communion and there is no unity which cannot be a constructor of duality. The conclusion is that empathy, love, otherness, companionship and desire are attributes of marriage and revealing oneself through the other is a condition for the existence of the couple.

**Keywords:** Revealing oneself through the other. Conjugality. Love Relationships.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>1 AS RELAÇÕES AMOROSAS NUMA ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR .....</b>	<b>21</b>
<b>1.1 As relações amorosas.....</b>	<b>21</b>
<b>1.2 As relações amorosas e o desenvolvimento do sujeito .....</b>	<b>23</b>
<b>1.3 O amor e sua multiplicidade .....</b>	<b>24</b>
<i>1.3.1 O amor como fenômeno biológico .....</i>	<i>24</i>
<i>1.3.2 O amor como fenômeno psicológico .....</i>	<i>29</i>
<i>1.3.3 Amor como fenômeno Teológico.....</i>	<i>33</i>
<b>1.4 Transformações nas relações amorosas: breve histórico .....</b>	<b>37</b>
<b>2 CASAMENTO: O INICIO DA VIDA A DOIS.....</b>	<b>39</b>
<b>2.1 Os parâmetros de estabilidade no início da vida conjugal.....</b>	<b>43</b>
<b>2.2 O Cuidado com o outro .....</b>	<b>47</b>
<b>2.3 O casamento sob-medida .....</b>	<b>49</b>
<b>2.4 A comunicação do casal .....</b>	<b>50</b>
<b>3 O OUTRAR-SE E O ESTRANHAMENTO COM O OUTRO .....</b>	<b>55</b>
<b>3.1 A importância do Outrar-se.....</b>	<b>55</b>
<b>3.2 O primeiro impasse do casal .....</b>	<b>58</b>
<b>3.3 O processo de Outramento na relação com o outro .....</b>	<b>61</b>
<b>3.4 Como minimizar o estranhamento e aperfeiçoar o outramento .....</b>	<b>64</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>75</b>



## INTRODUÇÃO

No tempo atual, onde se tem pouco tempo, e no qual tempo é dinheiro; ter um relacionamento amoroso e dedicar tempo a ele é um privilégio de poucos.

A sociedade em que vivemos, nos sobrecarrega de regras e normas a serem cumpridas. E o casamento parece ser uma delas. Cria-se expectativas em cima da relação de jovens casais, que já iniciam sua vida juntos cheios de tarefas e deveres a serem cumpridos com a sociedade. E muitas das vezes se esquecem, ou deixam pra depois, o seu cônjuge, o seu par “perfeito” até então. E começa-se a criar um muro, uma barreira entre o casal.

Partindo deste pressuposto, surgiu a necessidade de pesquisar como o fenômeno do outrar-se pode influenciar o relacionamento no início do casamento. Uma vez que todo o indivíduo carrega consigo algo que lhe é inerente, uma personalidade, uma particularidade, vivências culturais e ao se deparar com o outro haverá um impasse entre as suas subjetividades.

O termo outrar-se, foi-me apresentado em 2014, no segundo módulo do mestrado, em aula ministrada pela professora Karin Wondracek. E me provocou o interesse de relacioná-lo com a psicologia, especificamente com a vida do jovem casal.

Na contemporaneidade é na fase adulta que a pessoa começa a fazer escolhas como com quem vai se casar, e também advém a ideia de pertencer a alguém. As pessoas escolhem assim, a viver um estilo de vida diferente, com linguagem própria, surgindo uma aliança.

Diante dessa consideração, a pesquisa bibliográfica proposta busca, como objetivo principal, investigar a percepção do casal no que tange o fenômeno do outrar-se no início da vida conjugal. Para se chegar a esse objetivo, foi possível realizar um estudo no intuito de compreender como acontece o nascimento da relação amorosa e as multiplicidades do amor. Buscou-se uma compreensão biológica, psicológica e teológica, visto que somos seres biopsicosocioespirituais. Foi também relevante fazer um breve histórico sobre as transformações que as relações amorosas vieram passando no decorrer dos tempos, tudo isso foi explorado no primeiro capítulo da dissertação.

Já no segundo capítulo, foi interessante abordar o início da vida a dois, o casamento, e a construção da identidade conjugal comum ao casal. Vimos que o início da vida do jovem casal é uma das tarefas mais complexas dentro do ciclo de vida familiar. A construção da conjugalidade a partir das particularidades de cada um é um dos obstáculos enfrentado no início do casamento. Aqui também é relevante colocar os parâmetros de estabilidade no começo da vida conjugal, e citar as perspectivas dos primeiros anos de casamento que duram aproximadamente cinco anos e são decisivos para a união conjugal. O cuidado com o outro é

fundamental, e se embasa na capacidade emocional que o indivíduo traz para essa relação. A prática do cuidado é um caminho de dupla troca, o cuidar e o ser cuidado, e é inerente ao ser humano.

O terceiro capítulo discorre a respeito do estranhamento com o outro, através da importância do fenômeno do outrar-se no primeiro impasse na vida do jovem casal. Trabalha-se como minimizar esse estranhamento e aperfeiçoar o processo de outramento.

A pesquisa bibliográfica proposta buscou, como objetivos específicos: Identificar como o começo da vida conjugal pode intensificar o processo do outramento, visto que o início de uma vida a dois nos faz deparar com a presença de duas partes em busca de uma totalidade.

O segundo objetivo específico proposto foi verificar como as diferenças comportamentais no princípio da vida do casal dificulta o processo de outrar-se, já que o casal é composto de duas pessoas diferentes, com subjetividades diferentes, em um momento de se adaptarem uma à outra.

O último objetivo específico foi o de analisar como o processo de outrar-se pode vir a minimizar o estranhamento com o outro. Ajudando assim o casal a estabelecer um vínculo forte e saudável em todos os aspectos.

Esperamos contribuir, com nossa pesquisa, para a compreensão desse período tão significativo para os casais. O grande número de conflitos conjugais e familiares pede que se olhe com cuidado para esse tempo fascinante e simultaneamente delicado.

# 1 AS RELAÇÕES AMOROSAS NUMA ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR

## 1.1 As relações amorosas

Há lendas, em diferentes culturas sobre o início da humanidade, da criação do homem e do relacionamento entre homem e mulher. O assunto chama a atenção de poetas, filósofos, psicólogos enfim de diversas áreas do conhecimento humano. O relacionamento a dois é motivo de vários best sellers da contemporaneidade. É um assunto que nunca sai de moda, pois estamos todos destinados a pelo menos uma vez na vida termos um relacionamento amoroso com outro da nossa mesma espécie.

O sujeito nasce e desenvolve-se na dependência das relações, desta forma, com base na concepção psicanalítica, busca-se a compreensão da constituição das relações amorosas do sujeito. Oliveira considera que “a identificação é vista pela psicanálise com uma expressão de laço emocional com outra pessoa. Ela é dinâmica e fundamental na busca pelo outro, participando de todas as relações humanas, pois todos tem algo em comum que possibilita a identificação com o outro.”<sup>1</sup>

Somo seres que nos ligamos uns nos outros desde o nascimento, o bebê necessita da mãe para sobreviver, criando assim o primeiro vínculo de afeto do ser humano. A comunicação entre mãe e filho é intensa, pois o bebê nasce ainda indefeso e dependente; portanto sua sobrevivência só poderia acontecer através de uma relação de extrema intimidade e sintonia. A partir desse vínculo, a relação de um ser humano com outro ser humano e tudo o que ele faz na vida segundo Anton, “derivam das relações que estabelece com o próprio self; ou seja, de seus registros pessoais, de suas crenças e dos recursos que desenvolveu, integrando sua bagagem genética com seus diferentes modelos e níveis de aprendizagem.”<sup>2</sup>

Neste sentido, as relações amorosas se configuram com aquelas que têm o objetivo de unir duas pessoas. Segundo Yanhee, “os relacionamentos amorosos são considerados como uma relação íntima que se desenvolve entre dois indivíduos, com a qual o amor é o sentimento que une o casal. Estes sempre, ora atuando como participantes, ora como

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Gilmar. *Escolhas narcísicas de objeto e relações amorosas na atualidade*. Disponível em: <[http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=158](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=158)>. Acesso em: 10 abr. 2013.

<sup>2</sup> ANTON, Iara L. Camaratta. *A Escolha do cônjuge um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 79.

espectadores de histórias românticas com finais felizes ou trágicos.”<sup>3</sup> De acordo com esse mesmo autor, esse tipo de relação ocupa um lugar privilegiado na vida do sujeito da sociedade ocidental.

Mesmo com as modificações ocorridas, na vida moderna, em decorrência das invocações tecnológicas e das mudanças sociais, homens e mulheres ainda têm a necessidade de compartilhar suas vidas com outra pessoa. Pregolato corrobora que “a procura de uma companhia para dividir a história de vida é uma característica inerente do ser humano. Dessa forma, as relações amorosas são vistas como um dos fatores fundamentais no percurso do desenvolvimento do sujeito.”<sup>4</sup>

É na adolescência que o despertar da sexualidade acontece e os primeiros envoltimentos amorosos têm início. Para Papalia, Olds e Feldman, “os relacionamentos afetivos são fragmentos essenciais para o convívio social dos adolescentes. Eles colaboram para o desenvolver da intimidade e da identidade.”<sup>5</sup> Ou seja, é durante esta fase da vida que o indivíduo depara-se com as primeiras paixões, amores e desejos por outro ser que é semelhante a ele.

Gikovate considera que “um casal ao se conhecer tende a se encantar um pelo outro e, assim, cresce uma intimidade no que se refere às questões físicas e intelectuais, com isso, surge um prazer em estarem juntos.”<sup>6</sup> Considerando como natural a vontade de estar junto de algo que nos agrada e satisfaz, se a companhia de alguém é agradável e proporciona alegria, a tendência é querer estar perto desta pessoa o máximo de tempo possível e desfrutar das conversas nas quais são reveladas as experiências passadas e os desejos atuais.

É, dessa forma, que se dá início a uma relação amorosa, surgindo primeiramente o interesse em estar próximo do outro, depois se encaminhar para o que se pode chamar de compromisso. Iniciam-se os planos para o futuro, surgindo as obrigações de um para com o outro, no intuito de estabelecer a ideia de que uma pessoa passa a ser a coisa mais importante na vida da outra.<sup>7</sup> Ou seja, ao estabelecer um relacionamento amoroso, na maioria das vezes, o sujeito passa a imaginar o seu futuro entrelaçado ao da pessoa amada.

De acordo com Yanhee um relacionamento amoroso pode ser identificado como a união de dois indivíduos causada pela existência do sentimento de amor entre ambos. Mas, de

<sup>3</sup> YANHEE, Anderson. *O que é um relacionamento amoroso: implicações e limites*. Disponível em: <<http://andersonyankee.wordpress.com/page/2/>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

<sup>4</sup> PREGNOLATO, Mariuza. *Vida a dois- Um breve olhar sobre o relacionamento amoroso*. Disponível em: <[http://files.osmy.webnode.com.br/200000117-68cde69c7a/vida\\_a\\_dois.pdf](http://files.osmy.webnode.com.br/200000117-68cde69c7a/vida_a_dois.pdf)>. Acesso em: 19 jan. 2015.

<sup>5</sup> PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento Humano*. Tradução: Carla Filomena Marques Pinto Vercesi [et al.] 10. ed. Porto Alegre: AMGH, 2010.

<sup>6</sup> GIKOVATE, Flavio. *Amor nos anos 80*. Editora: MG Editores, 1984. p. 38-55.

<sup>7</sup> GIKOVATE, 1984. p.38-55.

fato, uma relação desse tipo não se limita apenas a esta união, esse é o fator fundamental para que ela se inicie.<sup>8</sup> Nesse sentido, além do casal estar ligado pelo amor existente entre os dois, é necessário que se tome como base certos princípios fundamentais, compreendidos apenas quando esses relacionamentos são vistos a partir de atitudes.

## 1.2 As relações amorosas e o desenvolvimento do sujeito

Na sociedade ocidental, as relações amorosas possuem função central na vida social dos indivíduos. Enfatizando a importância dessas relações, alguns autores têm destacado que o amor é entendido como a base das interações sociais e, a chave de todas as escolhas humanas.<sup>9</sup> Braz afirma que o amor é a condição principal para o nascimento ontogenético do indivíduo. O amor sempre fez parte do desenvolvimento humano e da estruturação do Self, pois aproxima a pessoa de sua essência, propiciando também a ampliação das relações sociais. O amor uma característica própria do ser humano, uma condição inata da espécie, responsável pelo desenvolvimento humano.<sup>10</sup>

Deste modo, é possível considerar que o amor faz parte do desenvolvimento do sujeito. É possível considerar também que a constituição do amor vem desde a infância por meio da identificação com as figuras maternas e paternas que são fundamentais para construção das relações futuras. Segundo Rodrigues e Chalhub, elas são vividas na infância por meio do carinho e atenção dos pais, tendo imensa influência sobre o fato do indivíduo saber esperar ou não, em vivenciar mais tarde uma relação pessoal segura e, o grau de aptidão que possui para iniciar e manter a cumplicidade.<sup>11</sup> Os indivíduos seguros experienciam interações mais seguras pela ausência de dificuldades em sua primeira fase da vida, sentem-se naturalmente confortáveis para interagir com os outros.

O teórico Bowlby afirma que não apenas no início da vida, mas, enquanto adultos, a pessoa amada é percebida como mais forte e sábia. Como aquele indivíduo que pode garantir a sobrevivência, protegendo e confortando o inconsciente e o medo ancestral da solidão aguçado pela herança genética por meio da seleção natural.<sup>12</sup> Assim, o amor que liga os

---

<sup>8</sup> YANHEE, 2013.

<sup>9</sup> NEVES, Ana. *As mulheres e os discursos generalizados sobre o amor a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”?* Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n3/a06v15n3.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2015.

<sup>10</sup> BRAZ, Ana Lúcia. *Reflexões sobre as origens do amor no ser humano*. Disponível em: <<http://psicolatina.org/Cinco/amor.html>>. Acesso em 05 mar. 2013.

<sup>11</sup> RODRIGUES, Soraia; CHALHUB, Anderson. *Amor com Dependência: um olhar sobre a Teoria do Apego*. Disponível em: <<http://www.botucatu.com.br/portal/anexo/amor.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

<sup>12</sup> BOWLBY, J. *Apego. A natureza do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, Volume 1, 2009.

adultos é considerado um processo de apego, semelhante ao vínculo da criança com a mãe, evidenciando a necessidade de proteção e o cuidar do outro.

Candeias argumenta que o ser humano é um ser social, só existindo por meio das relações. A necessidade de relacionar-se é notada em todo o processo do desenvolvimento, amar e ser amado é algo fundamental.<sup>13</sup> À medida que o indivíduo cresce, os objetos vão se modificando. Na infância, os pais representam tudo, na adolescência, a centralidade está nas relações de amizade e, à medida que ocorre a maturação para a vida sexual, a atenção e o investimento são direcionados para a busca incessante de uma relação amorosa íntima.

Conforme Hermento e Martins, Maslow, em sua hierarquia, considera o amor como algo fundamental a ser preenchido, este se enquadra na seção das necessidades motivadas por deficiência, que necessitam ser satisfeitas antes do indivíduo ser capaz de ir em busca da satisfação intelectual.<sup>14</sup> Desta forma, o amor, a autoestima, e segurança e as necessidades fisiológicas são a base piramidal na hierarquia das necessidades humanas e como, tal, necessitam ser realizadas, destacando aí a importância das relações amorosas para o processo de desenvolvimento do sujeito.

### 1.3 O amor e sua multiplicidade

#### 1.3.1 O amor como fenômeno biológico

O ser humano pelo menos uma vez na vida, experimenta as sensações provocadas pela paixão. A ciência argumenta que essa fase inicial do amor é uma alteração cerebral, na qual um coquetel de hormônios e substâncias provoca sinais como euforia, tremor nas mãos, palpitação, mudança de humor, intensa saudade, dependência emocional e, por fim, a observação somente das qualidades da pessoa amada. É como expressa a poesia de Camões:

Amor é fogo que arde sem se ver;  
 É ferida que dói, e não se sente;  
 É um contentamento descontente;  
 É dor que desatina sem doer.  
 É um não querer mais que bem querer;  
 É um andar solitário entre a gente;  
 É nunca contentar-se de contente;  
 É um cuidar que se ganha em se perder.  
 É querer estar preso por vontade;  
 É servir a quem vence, o vencedor;

<sup>13</sup> CANDEIAS, Maria. *A importância das relações amorosas nas nossas vidas*. Disponível em: <[http://vidaadois-terapiadecasal.blogspot.com.br/2012/09/a-importancia-das-relacoes-amorosas-nas\\_28.html](http://vidaadois-terapiadecasal.blogspot.com.br/2012/09/a-importancia-das-relacoes-amorosas-nas_28.html)>. Acesso em: 15 maio. 2014.

<sup>14</sup> HERMENTO, Clara; MARTINS, Ana. *O livro da Psicologia*. São Paulo: Globo, 2012.

É ter com que nos mata, lealdade.  
 Mas como causar pode seu favor  
 Nos corações humanos amizade,  
 Se tão contrário a si é o mesmo Amor?<sup>15</sup>

O amor é uma espécie de ópio, a intensidade com que se ama é a mesma com que se vive, deseja-se o amor. Para Matarazzo: “No ponto alto da paixão, os amantes ficam literalmente drogados por hormônios naturais, substâncias químicas produzidas pelo próprio organismo que provocam sensações de prazer, bem-estar e satisfação.”<sup>16</sup> Elas colaboram para vermos a vida melhor. A pulsação aumenta a sensação de energia e a capacidade de percepção. O cérebro fica maior e produz mais endorfinas, morfina naturais que atuam como narcóticos e nos possibilitam aquela sensação boa de relaxamento, conforto, segurança e plenitude.

A dopamina e as artérias são umas das principais responsáveis pela descarga de emoções para o coração. São neurotransmissores da felicidade e da alegria liberados no organismo para aumentar a sensação de que o amor é belo. Fica-se agitado, corajoso e disposto a realizar novas atividades, apesar de dormirmos e comermos mal. “O mecanismo cerebral é idêntico ao de se viciar em cocaína”, diz o neurocientista Renato Sabbatini, professor da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas.<sup>17</sup>

Outras estruturas do cérebro chamadas núcleo caudado, área tegmentar ventral e córtex pré-frontal se mostraram mais ativas em pessoas que estão apaixonadas. Segundo Pereira, são áreas abundantes, principalmente, em dopamina e endorfina. Juntos, esses agentes estimulam os circuitos de recompensa, esses mesmos que nos proporcionam prazer em comer quando sentimos fome. Estar em contato com a pessoa amada, seja pelo meio que for, causará a liberação de mais endorfina e dopamina, ou seja, de mais e mais prazer.<sup>18</sup>

A linha entre paixão e amor não está bem definida, não tem prazo determinado, e existe também uma terceira emoção que é a atração sexual. Está ocorre em outra área do cérebro, e de, acordo com Helen Fisher, antropóloga americana da Universidade de Rutgers, Nova Jersey, a garantia sexual imediata é a primeira etapa de união entre o casal.<sup>19</sup> A permissão para ir à procura, com ação intensa de testosterona. A paixão é a atração por uma pessoa em particular, repleta por dopamina, endorfinas e outros componentes. Assim, a

<sup>15</sup> CAMÕES, Luís. *Obras Completas*. São Paulo: Nova Aguilar, 1988.

<sup>16</sup> MATARAZZO, Maria Helena. *Amar é Preciso: os caminhos para uma vida a dois*. São Paulo: Gente, 1992. p. 32.

<sup>17</sup> ROCHEDO, Aline. *A Química da Paixão*. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/quimica-paixao-446309.shtml>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

<sup>18</sup> PEREIRA, Isabel. *Como se explica o amor?*. Disponível em: [http://www.ciencia20.up.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=75](http://www.ciencia20.up.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=75) Acesso em: 25 fev. 2015.

<sup>19</sup> ROCHEDO, 2009.

excitação física se relaciona “ao estar romântico e sexualmente excitado, apaixonado e fisicamente atraído pelo parceiro.”<sup>20</sup>

Além disso, a paixão consiste na expressão de desejos e necessidades, como autoestima, entrega, submissão e satisfação sexual.<sup>21</sup> É uma questão de temperamento apaixonado. O indivíduo que deseja aproveitá-la, precisa assumir uma personalidade completa e ambiciosa, impulsiva e positiva, que não se limita a imaginação do pior, consegue imaginar o futuro, sonhar e criar com base em aspectos presentes. Ela é expressão de temperamento ardente que direciona o indivíduo a interagir com outros e com o meio que o circunda, numa chama que propicia o sentir-se vivo.<sup>22</sup> Paixão e amor atenuam a ação hormonal, de neurotransmissores originando sensações, pensamentos e emoções que entorpecem o indivíduo, num estado de êxtase e total adrenalina.

O poder da paixão e do amor é tão enfático na vida do indivíduo que sempre foi tema de poesias, músicas, filmes, e teatro. A intensidade emocional de amar é desejada por muitos, inesquecível e angustiante para os que já experimentaram. Como aponta um trecho da composição de Peninha, cantada por Fábio Júnior: “[...] Bate coração! As metades da laranja. Dois amantes dois irmãos. Duas forças que se atraem. Sonho lindo de viver. Tô morrendo de vontade. De você!”. Ou seja, o coração palpita incessantemente ao perceber a presença do ser amado os estímulos sensoriais transformam sensações em percepções e os indivíduos se sentem atraídos, como se nada mais existisse, e a única certeza que irá amenizar o desejo de querer é o contato físico que concretiza o real sentir.

Ao referir-se a tal assunto, Goleman afirma que o amor, os sentimentos de afeição e a satisfação sexual implicam o estímulo parassimpático, uma resposta de relaxamento no organismo, “conjunto de reações que percorre todo o corpo, provocando um estado geral de calma e satisfação.”<sup>23</sup> Em contraposição, a paixão como o amor pode representar vitalidade e saúde, num processo de hipertrofia do sentimento amoroso, despertando a obsessão, a dor da falta e da dependência, o devorar com os olhos, a inquietude, a impulsividade e o prazer.<sup>24</sup> A vinculação da paixão e do amor marca a certeza do viver, uma sensação que não pode ser mensurada, posto que não existe em quantidade específica, mas que pode ser materializada por comportamentos afetivos.

---

<sup>20</sup> HERNANDEZ, José. *Os componentes do Amor e Satisfação*. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n1/v23n1a09.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2014. p. 60.

<sup>21</sup> HERNANDEZ, 2003.

<sup>22</sup> DELAHAIE-POUDEROU, Patricia. *Amores que nos fazem mal*. Trad. de Adriana de Oliveira e Paola Morsello. 2. ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

<sup>23</sup> GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 33.

<sup>24</sup> DELAHAIE-POUDEROU, 2007.

Corroborando com esta perspectiva entre paixão e amor, cabe citar uma passagem do Soneto do Amor Total do poeta Vinicius de Moraes: “[...] Amo-te a fim, de um calmo amor prestante, e te amo além, presente na saudade. Amo-te, enfim, com grande liberdade. Dentro da eternidade e a cada instante. [...]”<sup>25</sup> Ou seja, a biologia do amor é representada pela ação de pensar no amado em qualquer realidade, na tranquilidade de quem sente, ausência física de quem é livre e que se ama, na infinita certeza de amar e na concretização do permanente desejo de estar junto. Neste sentido, para exemplificar as vicissitudes do fenômeno amoroso, dois Clássicos do cinema podem ser citados, o filme “9 ½ semanas de amor” e o “Diário de um paixão.”

O filme ‘9 ½ semanas de Amor’ traduz o descontrole e intensidade emocional da paixão. Um clássico lançado em 1986, dirigido por Adrian Lyne, conta a história de Elizabeth, uma bela e sexy mulher que trabalha com artes e acaba se envolvendo com um homem rico, John. Eles se encantam rapidamente, iniciam uma prática incessante de jogos sexuais, tornando o relacionamento cada vez mais complicado e difícil de ser controlado. A incerteza, o desconhecimento e a insegura que assombra os enamorados é percebida em várias cenas do filme. Em certo momento, o sedutor John expressa o intenso querer por Elizabeth dizendo, “Nesse momento você é tudo para mim!”. Na euforia da paixão, Elizabeth diz a uma amiga, “Eu não consigo me concentrar”, traduzindo a máxima do pensamento dedicado ao outro. O não-pensar direito reduz o mundo ao sentimento da paixão e do amar, “Eu acho que fui hipnotizada”. E na certeza de que essa sensação ainda não foi vivida John enfatiza: “Eu nunca senti algo assim antes.”<sup>26</sup>

Já o filme ‘Diário de uma Paixão’ enuncia a certeza de apaixonar-se e amar. Este foi lançado em 2004, dirigido por Nick Cassavetes, e dramatiza o romance de Allie e Noah, dois jovens enamorados que se apaixonam à primeira vista, mas são separados pelos pais de Allie, por considerarem que Noah não é o rapaz ideal para se relacionar com sua filha. Allie é então mandada para outra cidade. Apesar da distância, Noah passa a escrever todos os dias para Allie, e como, não obtém nenhuma resposta porque a mãe de Allie interceptava todas as cartas, acredita que sua amada o esqueceu. Por este motivo, ele decide enviar uma última carta de despedida. Enquanto isso, após 7 anos esperando notícias de Noah, ela decide se casar com um oficial, todavia, o destino faz com que Noah e Allie se reencontrem, e o amor

---

<sup>25</sup> MORAES, Vinicius de. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Editora a Noite, 1960.

<sup>26</sup> 9 1/2 SEMANAS DE AMOR. Produção de Mark Damon. Dirigido por Adrian Lyne. Estados Unidos: MGM, 1986.

recíproco que habita os jovens surge novamente, e eles decidem ficar juntos até o fim de seus dias.<sup>27</sup>

Vale ressaltar que as duas tramas definem a expressão comportamental do amor sentido biologicamente. As alterações biológicas produzidas externalizam emoções que irão preparar o corpo para diferentes respostas, desde o relaxamento ao total entusiasmo.<sup>28</sup> Em outras palavras, além de ocasionar alterações ao sistema nervoso, o amor é condição fundamental para o nascimento ontogenético do indivíduo. Ele faz parte da evolução do homem e da estruturação do Self, pois aproxima a pessoa de sua essência, propiciando também o desenvolvimento das relações sociais. É uma característica própria do indivíduo, uma condição inata da espécie, responsável pelo desenvolvimento humano.<sup>29</sup>

Sendo assim, no desdobrar da paixão, os indivíduos expressam e enfatizam a necessidade de amar e ser amado. E, a partir do momento em que ocorre a atração, os apaixonados procuram estar em contato direto com o outro e satisfazer também seus próprios desejos. Se a paixão é retribuída, deve durar o tempo preciso para conhecer e decidir se dá para prosseguir no relacionamento amoroso. Quando tudo se tranquiliza, o relacionamento pode continuar, mas o que é mais importante é o apego, companheirismo, o cuidado e a vontade de continuarem juntos. Portanto, paixão e amor são fenômenos complexos, podem complementar-se, divergir, e despertar as mais variadas sensações. Sua definição qualitativa pode ser encontrada tanto na melodia de uma canção quanto nos versos de uma poesia. Vai da mais tenra fidelidade amorosa à angústia despertada pela falta. Tudo dependerá da percepção de quem sente, como cita Vinicius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento  
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto  
Que mesmo em face do maior encanto  
Dele se encante mais meu pensamento.  
Quero vive-lo em cada vão momento  
E em seu louvor hei de espalhar meu canto  
E rir meu riso e derramar meu pranto  
Ao seu pesar ou seu contentamento  
E assim, quando mais tarde me procure  
Quem sabe a morte, angústia de quem vive  
Quem sabe a solidão, fim de quem ama  
Eu possa me dizer do amor (que tive):  
Que não seja imortal, posto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure.<sup>30</sup>

<sup>27</sup> DIÁRIO DE UMA PAIXÃO. Produção de Lynn Harris; Dirigido por Adrian Lyne. Estados Unidos: New Line Cinema, 2004.

<sup>28</sup> GOLEMAN, 2007.

<sup>29</sup> BRAZ, 2015.

<sup>30</sup> MORAES, Vinicius. *Soneto de Fidelidade*. Disponível em: <[http://www.releitura.com/viniciusm\\_fidelidade.asp](http://www.releitura.com/viniciusm_fidelidade.asp)>. Acessado em: 23 ago. 2015.

### 1.3.2 O amor como fenômeno psicológico

O soneto de Vinícius de Moraes se situa nessa transição entre o biológico e o psicológico, tema dessa seção. A constituição humana é marcada pela necessidade de interagir, envolver-se afetivamente e estabelecer vínculos duradouros com o outro. O amor surge como uma necessidade primordial e é, através das relações de amor que o sujeito busca preencher sua incompletude, o seu vazio. Com isso, buscou-se, nessa seção, apresentar o amor como fenômeno psicológico por intermédio da visão psicanalítica. Enfatizando elementos da constituição do sujeito, a necessária elaboração da perda do objeto amoroso infantil, o complexo de Édipo, a castração, a imprescindível identificação que ele deve estabelecer com o outro, a relevância do outro para sua constituição, subjetividade, condição de ser desejante que anseia preencher a incompletude que lhe assombra, e a influência dessa constituição para o estabelecimento de relações objetais futuras.

As primeiras relações do sujeito ocorrem, inicialmente, no contato com a mãe ou qualquer outra pessoa que exerça a função materna nos primeiros anos de vida. Freud argumenta que, na infância, a sexualidade do indivíduo é considerada como autoerótica, as pulsões são parciais, o próprio objeto de prazer se encontra limitado em uma zona específica, onde os estímulos produzem sensação de prazer. Assim, a sexualidade se desenvolve em diferentes fases da vida. A primeira fase se concretiza quando a libido, força que mede os processos e modificações de excitação sexual, está investida na boca, primeira zona erógena que tem a pulsão fora do corpo, no seio materno. Percebe-se, neste período, que a satisfação sexual passa pela sensação de prazer em torno da nutrição, a criança vivencia a simbiose materna que aos poucos é esquecida devido à percepção de que ela não faz parte do corpo da mãe.<sup>31</sup> Este momento marca o nascimento da busca para reencontrar a completude primeira vivida na simbiose materna, o indivíduo procurará em suas relações satisfazer esse desejo. A amamentação no seio é observada como molde para as relações amorosas, encontrar o objeto significa, na verdade, um reencontro com a completude simbiótica.

A segunda fase da constituição da sexualidade é a anal-sádica. A região anal é a zona erógena, a satisfação está em excretar, o prazer remete ao controle do corpo, reter e excretar as fezes, e em executar o controle nos outros que o circundam.

A terceira fase é denominada como fálica, nesta a libido se organiza para unificar as pulsões parciais no falo, simbologia do órgão sexual masculino. Isso acontece porque nesta

---

<sup>31</sup> FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Obras completas, ESB, v. 7, Rio de Janeiro: Imago, [1905] 1980.

fase ainda não se tem a distinção entre os sexos, então somente o órgão masculino é considerado como base.<sup>32</sup> Vale enfatizar que a distinção da anatomia dos sexos ocorre com a negação da diferença e a percepção visual da realidade. O menino percebe a diferença entre o homem e a mulher, mas não vincula isso aos órgãos sexuais, inicialmente. E, por ser uma parte do corpo demasiadamente excitável surge o interesse da masturbação, principal atividade autoerótica nesse estágio. Porém, a criança é atordoada tanto pela ameaça dos adultos da castração do órgão, como pela angústia de suas próprias fantasias.<sup>33</sup> O termo “castração” é empregado porque se refere a questões afetivas libidinais, a angústia é inevitável e a masturbação é constitutiva do comportamento edipiano dedicado aos pais. Ela propicia a descarga da excitação sexual relativa ao Complexo de Édipo, denominado como o desejo do menino de possuir a mãe.<sup>34</sup>

Neste sentido, sendo a mãe o objeto de amor do menino, o pai passa a ser percebido como um obstáculo para a concretização desse amor. Mas, diante da notória falta de pênis na menina, e na fantasia de que este foi retirado, o menino acredita que a ameaça da castração é real e renuncia à satisfação do amor pela mãe, desejo edipiano, para preservar seu órgão sexual. O complexo de castração é, portanto, uma experiência psíquica inconsciente, fundamental para organizar a sexualidade e subjetividade do indivíduo. Pois, é por meio desta experiência que a criança diferencia a anatomia dos sexos, e aceita que seu falo não lhe conduzirá a concretizar o desejo edipiano. Assim, após abdicar do desejo sexual pela mãe, a identificação com o pai discorre naturalmente, e o sujeito passa a buscar outros objetos de amor. O ápice da castração induz o diluir do complexo de Édipo, estabelecendo condições para futuras escolhas de objetos, permite o surgimento do superego, finalizando a fase fálica e iniciando o período de latência.<sup>35</sup>

O superego é uma instância que estabelece a moral na vida do sujeito. O fato de ser herdeiro do complexo de Édipo faz dele um hábil agente de censura que antes era executada pela autoridade dos pais. A impossibilidade de ter a mãe, oriunda da interdição paterna, coloca o sujeito diante da incompletude, fazendo dele um ser desejante. Terminado o desenvolvimento da sexualidade infantil, inicia-se o período de latência, momento em que as pulsões se encontram desviadas do alvo sexual, sublimadas ou recalcadas para práticas socialmente aceitas, minimizando o conflito entre o desejo e a proibição. Apesar de todas as

---

<sup>32</sup> FREUD, [1905] 1980. p. 146.

<sup>33</sup> FREUD, S. *O ego e o id*. Obras completas, ESB., v. 19, Rio de Janeiro: Imago, [1923] 1980.

<sup>34</sup> FREUD, S. *A dissolução do complexo de Édipo*. Obras completas, ESB., v. 19, Rio de Janeiro: Imago, [1924] 1980.

<sup>35</sup> FREUD, S. *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. Obras completas, ESB., v. 19, Rio de Janeiro: Imago, [1925] 1980.

mudanças ocorridas, a organização da libido será finalizada somente na fase genital, a quarta fase, indicadora da escolha objetual, o amor primado pela genitalidade totalmente dependente das identificações pertencentes ao complexo de Édipo.<sup>36</sup>

Dessa maneira, a escolha amorosa objetual acontece em dois momentos na vida do sujeito, na infância, quando a mãe é eleita como objeto, alvo das pulsões sexuais, reprimida pelo período de latência, e, na puberdade com a configuração definitiva da vivência sexual e escolha do objeto. Assim, para a escolha do objeto na puberdade, o sujeito deve renunciar aos objetos infantis. Somente, assim, ele alcançará o ideal da vida sexual que é a configuração de todos os desejos em um mesmo objeto. Esta renúncia é desenvolvida pela identificação com os pais, e, por conseguinte, com os outros. Todavia, ainda que ocorra a identificação e inicie-se a puberdade, é possível que a libido seja fixada em uma das fases do desenvolvimento, e os objetos amorosos transformem-se nos substitutos dos objetos de amor infantis.<sup>37</sup>

A influência libidinal é tão evidente que, mesmo quem se desviou da fixação do incesto libidinal, articula-se com base nela. As relações amorosas do indivíduo são reflexos das relações dos pais. Neste sentido, faz-se irremediável a elaboração do luto da perda dos objetos libidinais infantis e o reinvestimento em novos objetos. Freud frisa, que o luto estrutura a formação do ego, haja vista que o progresso da perda do outro desejado acontece com a identificação, internalização e elaboração, onde elaborar significa reconhecer a perda. Quando o bebê percebe que a mãe não pertence ao seu corpo, dá-se a perda, e o sujeito passa a construir uma imagem de si e de suas imperfeições.<sup>38</sup> Destaca-se, nessa perspectiva, a relevância da identificação, o investimento no outro objeto amoroso constitui a subjetividade do indivíduo, e é, no reconhecimento da falta suprimida pela incompletude, que o sujeito permite a entrada do outro em sua vida.

Compreende-se, portanto, que o sujeito procura na relação com o outro o que lhe falta, por se sentir incompleto, ele vai ao encontro do outro idealizado para tentar suprir sua incompletude, o desejando e o amando. De acordo com Freud, a relação com o outro constitui o indivíduo. A intersubjetividade desencadeia a sua subjetividade.<sup>39</sup> Isto emerge a prerrogativa das relações amorosas integrarem o imaginário, as fantasias, idealizações e desejos, e o sujeito ter dificuldade de considerar a si e ao outro como fonte de prazer e frustração, apesar de ansiar, sempre, amar e ser amado. Logo, no princípio das relações amorosas, idealizações e fantasias são habituais e podem fazer menção ao narcisismo eu

---

<sup>36</sup> FREUD, [1905]-1980. p. 1-196.

<sup>37</sup> FREUD, [1905]1980. p. 1-196.

<sup>38</sup> FREUD, [1923]1980

<sup>39</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Obras completas, v. 7, Rio de Janeiro: Imago, [1930]1980.

ferido, o desejo de que o outro carregado dos mesmos desejos, recupere o sujeito da condição faltosa, recuperando, assim, sua onipotência. No entanto, “a percepção de que o outro escapa ganha sentido, e o indivíduo compreende que este nem sempre estará presente e nem poderá lhe dar tudo o que deseja.”<sup>40</sup> Relembra-se a ausência e a desilusão infantil de unicidade no desejo da mãe, e o sujeito se forma na realidade que abrange danos e separações.<sup>41</sup>

Com base na concepção supracitada, é possível identificar que o sujeito nasce e desenvolve-se na dependência das relações, estando em contato com o outro ele define sua subjetividade, e é amparado nas relações objetais infantis, com as quais suas escolhas futuras se embasarão. O despertar do sujeito, para a existência do outro, o identifica como incompleto, e ao mesmo tempo em que a relação amorosa é desejada, ela também é fonte de angústia, justamente pela incerteza do outro em sua vida. Mas, ainda assim, o sujeito busca estabelecer uma relação amorosa. O amor por outro ser desmitifica o sujeito da ideia de bastar-se a si mesmo, neutralizando seu narcisismo. Então, analisar o amor como fenômeno psicológico requer a percepção de como ele se constitui e como é experienciado pelo sujeito. É notório que sua vivência irá variar de indivíduo para indivíduo, entretanto, existem vertentes que caracterizam o amor como um fenômeno vivido pelo menos uma vez na vida.

A respeito desta questão, Sternberg identifica que diversos tipos de amor podem ocorrer a partir da combinação de três diferentes elementos, a intimidade, a paixão e o compromisso. Não cabe aqui citar os diversos tipos de amor resultantes desta combinação, mas é enfático discorrer sobre os elementos. Assim sendo, no que se refere à intimidade, o caráter é mais emocional, envolve auto revelação, que leva à ligação, ternura e confiança mútua, incluindo a proteção e a necessidade de estarmos perto do outro. A paixão é o elemento mais emocional que se baseia em impulsos interiores tradutores da excitação fisiológica em desejo sexual, como vimos na seção anterior, e envolve um sentimento incontrolável de estar com o outro. Por sua vez, o compromisso, o elemento cognitivo, é a decisão de amar e permanecer com a pessoa amada, a expectativa de que o relacionamento dure para sempre, numa intenção de comprometimento mútuo.<sup>42</sup> E o grau em que cada um dos três elementos está presente determina que tipo de amor as pessoas sentem.

Papalia argumenta que para, Sternberg, as relações amorosas não são estáticas, precisam de mobilidade para que possam se firmar, se estabelecer, se desenvolver e,

---

<sup>40</sup> OLIVEIRA, 2006.

<sup>41</sup> OLIVEIRA, 2006.

<sup>42</sup> GOMES, Bruna; TEODORO, Maycoln. *A teoria triangular do amor de Sternberg e o modelo dos cinco grandes fatores*. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712011000100011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712011000100011&script=sci_arttext)>. Acesso: 04 abr. 2015.

principalmente, se manterem por um longo tempo.<sup>43</sup> Ademais, na visão de Fromm, existem dois tipos de amor, o verdadeiro amor e o falso amor. Enquanto o verdadeiro amor é identificado como atividade exigindo cuidado, respeito, responsabilidade e conhecimento. É fonte de maturidade, direcionando a superação do sentimento de isolamento e preservação da própria individualidade e integridade. O falso amor é baseado na submissão, passividade, refletindo contornos neuróticos. Apoiado nesse amor passivo está a união simbiótica. “O indivíduo foge do sentimento de isolamento e separação, todavia, torna-se parte de outra pessoa que o direciona e protege, em um estado de dependência e falta de integridade.”<sup>44</sup> Estas definições traduzem as implicações da constituição amorosa do sujeito, e explicitam a importância da elaboração da perda do objeto amoroso infantil.

### *1.3.3 Amor como fenômeno Teológico*

Num olhar teológico, “o amor é uma potente força de atração que, ao aquietar-nos no mundo, nos imerge na ansiedade e nos conduz à ideia e à bondade do divino.”<sup>45</sup> Deus nos oferece todo o seu amor. Cria o ser humano por amor. Para que os homens possam, por sua maneira, vivenciar o amor. Não é a mero acaso que na Bíblia há registros claramente da relação amorosa, como sendo a mais plena, perfeita, pois nasce do desejo de Deus, em promover um encontro entre dois corações, duas mentes, duas vontades, entre um homem e uma mulher, tornando-se então uma só carne (Gn 2.24).<sup>46</sup>

No Antigo Testamento, um livro chamado Cânticos dos Cânticos é tido como o mais sublime livro de poesia, de amor da literatura Sagrada. Percebe-se, nos Cânticos, poemas de amor cheios de emoção e paixão pela beleza física da pessoa amada. “Que tem o teu bem-amado a mais que os outros, ó tu, a mais bela das mulheres? Que tem o teu bem-amado a mais que os outros para que assim nos conjures? Meu amado é forte e corado” (Ct 5.9-10). Balancin argumenta que Cânticos provoca as maneiras moralistas que se negam a falar do corpo e da paixão, ele conta com arte o jogo do amor, espontaneamente fala da relação sexual.<sup>47</sup> “Ah! Beije-me com os beijos de tua boca! Porque os teus amores são mais deliciosos que o vinho” (Ct 1.2).

<sup>43</sup> PAPALIA, 2010, p. 495.

<sup>44</sup> FROMM, E. *A arte de Amar*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1966.

<sup>45</sup> PIKAZA, Xavier, SILANES, Nereo. *Dicionário teológico o Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988.

<sup>46</sup> Todas as citações bíblicas foram extraídas de A BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. Tradução: Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990.

<sup>47</sup> BALANCIN, Euclides Martins; STONIOLO, Ivo. *Como ler o cântico dos cânticos. O amor é uma faísca de Deus*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

No poema “Em Busca do amado”, a mulher não é percebida como esposa e mãe, mas como a enamorada que está ao encontro do amado. Descreve a beleza do corpo do homem e o amor não visa à procriação, mas, à busca amorosa e entrega mútua.

Durante a noite, no meu leito,  
 busquei o meu amado;  
 procurei-o, sem encontra-lo  
 Vou levantar-me e percorrer a cidade,  
 As ruas e as praças,  
 Em busca daquele que meu coração ama;  
 procurei-o, sem encontra-lo.  
 Os guardas encontraram-me  
 Quando faziam sua ronda na cidade.  
 “Vistes acaso aquele que meu coração ama.  
 Segurei-o, e não o larguei  
 antes que o tenha introduzido na casa de minha mãe,  
 no quarto daquela que me concebeu.  
 Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém,  
 Pelas gazelas e corças do campo,  
 Não despertais nem perturbeis o amor, até que ele o queira (Ct 3.1-4).

Percebe-se a total dedicação ao ser amado, através da procura incessante, seguida do alívio quando ela o encontra fisicamente e a inquietude pela incerteza de não saber se está realmente sendo amada. O que faz a mulher considerar que a reciprocidade do amor é fundamental para construção da relação. Assim, o Cântico expõe o prazer sensível que surge do amor, pela experiência da mais densa atração mútua e da exclusiva, e total e definitiva doação recíproca entre duas pessoas: homem e mulher. O namoro é compreendido como a única ocupação dos noivos que demonstram, à sua maneira, o primado incontestável do amor. “Põe-me como um selo sobre o teu coração, como um selo sobre os teus braços, porque o amor é forte como a morte” (Ct 8.6).

A admiração é uma das formas de amor. A pessoa envolvida observa no outro algo que só ele tem, que justifica sua admiração, até mesmo nas coisas mais banais, desde que mostrem a marca da pessoa amada: “Como são graciosos os teus pés nas tuas sandálias” (Ct 7.2).

“Tu és bela, minha querida, tu és formosa!” (Ct 4.1). Discurso do homem apaixonado que elogia a esposa pelos encantos que ela possui. Expressar a admiração pelo ser amado é sinônimo de estar maravilhado, apaixonado, por cada particularidade exibida. Logo, a admiração existe por meio da comparação daquele que se ama com objetos, lugares, plantas. Os elogios são recíprocos, tornando evidente a admiração que dedicam um ao outro, todavia é mais poderoso e convincente no amado que não mede esforços para declamar seu amor.

“Como és bela e graciosa, ó meu amor, ó minhas delícias! Teu porte assemelha-se ao da palmeira, de que teus dois seios são os cachos [...] Eu sou para o meu amado o objeto de seus desejos” (Ct 7.7-8,11). Nota-se também a presença da autodoação, que realiza na união sua plenitude, expressão do amor, festejada no Cântico, em termos de energia sobre-humana. A necessidade de sentir-se completo acontece na união, o encontrar com o outro possibilita a satisfação, doar-se, tendo consciência de seu próprio existir, conduz à felicidade. “Tu me fazes delirar, minha irmã, minha noiva, tu me fazes delirar com um só dos teus olhares, com um só colar do teu pescoço” (Ct 4.9). O delírio ao qual o amado se refere, significa literalmente que a amada roubou seu coração, e ele está embriagado de amor.

A intensidade do amor é tão visível, que a pessoa apaixonada pode como que desfalecer, ao ver frustrado seu desejo de amor e união. Além da necessidade que a pessoa tem de que seu amado saiba o que sua ausência ocasionou. “Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém, se encontrardes o meu amado, que lhe haveis de dizer? Dizei-lhe que estou enferma de amor” (Ct 5.8), reconhece, nesse momento, que o amor é muito poderoso, “As torrentes não poderiam extinguir o amor, nem os rios o poderiam submergir” (Ct 8.7). O amor é por assim dizer o motivador mais poderoso, fortalecendo os indivíduos a enfrentar os problemas, a própria vida só tem sentido se o amor fizer parte dela. A Primeira Carta aos Coríntios comprova essa nítida perspectiva:

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tivesse amor, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Mesmo que eu tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, e não tivesse amor, nada seria. Ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, de nada valeria! O amor é paciente, o amor é bondoso. Não tem inveja. O amor não é orgulhoso. Não é arrogante. Nem escandaloso. Não busca seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta [...] (I Cor 13.1-7).

Logo, o amor é a essência do indivíduo. Todos passam pela experiência de amar. Entretanto, para amar é necessário se deixar amar, pois o amor só precisa dele mesmo. E é o outro que irá provocar, despertar e induzir ao amor, o amor pelo outro faz o indivíduo sair de si mesmo, transcender e entrar em contato com Deus. Outro fator relevante é a vulnerabilidade, fragilidade, força e passividade que o amor propicia ao indivíduo, ou seja, ao mesmo tempo em que ele se regozija também se sente vulnerável. Entretanto, essa interação também minimiza a indiferença e individualidade, o outro perpetua a humanidade

despertando a consciência e limitação do indivíduo. O amor dedicado ao outro torna a experiência de vida real, dá sentido ao existir, de si mesmo e de Deus.

Ademais, vale ressaltar que a partir do grego são considerados três tipos básicos de amor, o *eros*, amor que provém do desejo, paixão e encanto. A *ágape*, amor gratuito, produto da espontaneidade, que não requer nada em troca de suas ações, e nem é egoísta, justifica a simplicidade de amar. Possui característica divina que tem no indivíduo a imagem e semelhança de Deus. E a *filia*, amor que não é fruto do desejo e da gratuidade, mas que nasce da empatia, amizade e vínculo parental.<sup>48</sup> Sobre esta diferenciação é válido citar o trabalho do teólogo alemão Paul Tillich que propõe quatro tipos de amor: A *epithymia*, *eros*, *philia* e *ágape*. Para Tillich, com *epithymia* ou libido se trata de um impulso sexual que tem como objetivo a união com o outro. Ela está além da busca pelo prazer sexual, não é somente o encontro físico que é ambicionado.<sup>49</sup>

*Eros*, em Tillich, é uma força que impele o indivíduo à união de forma sexual entre outras, levando ao conhecimento e a união com a verdade. O âmbito biológico de *eros* que direciona ao sexual não é negado, mas ele também é produto de conhecimento, guiando a mente à verdade, pois é dirigido ao mundo, e por tal, possui poder ontológico. Sem ele ocorre a perda do poder, mistério e o privilégio do aspecto sexual ou contato em nível de amizade. *Ágape*, nesta ótica, se refere ao amor incondicional e supremo, ao amor de Deus, à perfeição existente no amor em todas as formas. E *philia* é o polo pessoal do amor, característico de amizade que reúne indivíduos centrados que interagem e dedicam-se igualmente.<sup>50</sup>

Diante disso, é possível concluir que na teologia todos os tipos de amor estão vinculados a um aspecto que exige do indivíduo o doar-se ao outro. Seja pela atração sexual, amizade, transcendência ao divino, ou ao encontro com o conhecimento de si. Pois, sem amor, não há vida e sem vida não existe o eu e o nós. O amor é vivido desde os primeiros anos da existência, antes de pensar, o indivíduo já ama, até mesmo a razão é serviçal do amor. No encontro com o outro, é possível se conhecer e compreender os sentimentos, o ser humano é um ser relacional, ao mesmo tempo em que constitui o outro também é constituído. Portanto, o amor deve ser vivido em sua plenitude, permanecer nele é estar transcendendo, ir ao encontro com o divino, porque Deus é amor, e o amor representa a grandeza do existir em Deus.<sup>51</sup>

<sup>48</sup> LOPES, 2010.

<sup>49</sup> PARRELLA, Frederick J. *Paul Tillich e o corpo*. Trad. Jaci Maraschin. 2004. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/.../1751>>. Acesso em: 09 set. 2015.

<sup>50</sup> PARRELLA, 2004.

<sup>51</sup> LOPES, 2010.

#### 1.4 Transformações nas relações amorosas: breve histórico

Para ocorrer o estabelecimento de uma relação amorosa, é necessário que exista um sentimento de amor entre ambos os sujeitos. De acordo com Braz, o amor é compreendido como a forma de um homem e uma mulher se complementarem. Este sentimento surgiu a partir da evolução humana. Ao se tornar, o ser humano passa a utilizar os membros superiores e adquire uma postura ereta, isso favorece o aumento do campo de visão, da cognição e, conseqüentemente, do tamanho do cérebro, onde é desenvolvido o lobo frontal, responsável pela abstração e afeto. O ser humano passa então a vivenciar suas primeiras relações de afeto.<sup>52</sup>

Sabe-se que as relações amorosas sempre estiveram presentes na vida do ser humano desde a criação das primeiras civilizações e, sofreram mudanças no decorrer da história. Levando em consideração que todas estas mudanças abarcam um processo histórico de evolução da humanidade, Schmitt e Imbelloni enfatizam que, no período antigo, as relações de afeto envolviam alegria, e por, conseqüente, a separação entre os casais era vivida por todo o meio social. Posteriormente a este período, o amor foi influenciado pela tradição Judaico-cristã e concebido como um bem supremo.<sup>53</sup>

Os autores sustentam ainda que, com o advento do Feudalismo, as relações passam a ser voltadas para o casamento do primogênito com uma mulher rica. Depois, surge o amor cortês, contrário às ideias do feudalismo e da igreja. E, no século XIX aparece, a relação afetiva romântica e a valorização do amor eterno e fiel. Após a Segunda Guerra nos Estados Unidos, a manifestação homossexual ganha destaque e, nesse mesmo processo, as mulheres também reivindicam direitos à qualidade de vida, aos relacionamentos afetivos, a participação efetiva no mercado de trabalho e ao aspecto profissional, alcançando assim sua independência financeira.<sup>54</sup> Nesse contexto, com a mulher no mercado de trabalho e o descomprometimento afetivo, o casamento, assim como as demais formas de relacionamentos, passou a ter novas configurações. Na atualidade toda e qualquer maneira de estabelecer um compromisso é revisada pelas necessidades da mulher que está em busca de liberdade individual, isto acaba propiciando as transformações nas relações.

Os aspectos, regras e valores do indivíduo que eram pautadas pela estabilidade e segurança das sociedades tradicionais, hoje, é influenciada pela instabilidade e diversidade

---

<sup>52</sup> BRAZ, 2006.

<sup>53</sup> SCHMITT, Sabine; IMBELLONI, Michelle. *Relações Amorosas na Sociedade Contemporânea*. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt>>. Acesso em: 01 mar. 2015.

<sup>54</sup> SCHMITT, IMBELLONI, 2015.

nas relações do eu com os outros. Como salienta Andrade, ao destacar que no setor da afetividade, aparecem várias representações de famílias, uniões conjugais, relações amorosas e a diversidade de exercício da sexualidade tanto para homens como para mulheres.<sup>55</sup>

Logo, nas sociedades contemporâneas, prevalece a instabilidade dos indivíduos perante suas experiências amorosas, caracterizadas no agora pela volatilidade e fragilidade. Tratando-se do tempo em que as necessidades de homens e mulheres são conduzidas pelo caráter individual, profissional e autônomo, o “eu” e os relacionamentos se tornam balizados pela satisfação mútua que, no entanto, podem terminar a qualquer momento. Isto implica pensar que, enquanto a relação possibilita benefícios prazerosos, esta irá perdurar, se gerar desprazer, ela se torna descartável.<sup>56</sup> Voltaremos a este ponto no próximo capítulo.

É possível considerar que a constituição histórica, enfatizada por Schmitt e Imbelloni, permite à sociedade contemporânea ampla possibilidades de relacionar-se, com a premissa de um desejo imediato. Como afirma Bauman, neste mundo onde se necessita sobreviver, o relacionamento humano é passageiro. Ele e os sentimentos são descartáveis, em favor da sensação de segurança. Percebe-se uma diferença substancial nos compromissos categóricos de seriedade e duração, e os atuais são intimidados pela dificuldade de vinculação e a instantaneidade de prazer.<sup>57</sup>

---

<sup>55</sup> ANDRADE, Darlene. “*Prefiro a minha liberdade*”: falas sobre estar solteiro(a) em Salvador. Disponível em: <<http://www.abrapso.org.br>>. Acesso em: 01 mar. 2015.

<sup>56</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

<sup>57</sup> BAUMAN, 2004.

## 2 CASAMENTO: O INICIO DA VIDA A DOIS

A instituição casamento, vem sofrendo mudanças ao passar do tempo, devido às determinações econômicas, culturais, sociais de classe e gênero pelas quais a sociedade vem passando. O casamento por amor, como se costuma falar, é algo recente na sociedade. Surgiu com a burguesia e o capitalismo. Na antiguidade, conforme Costa, “o que hoje chamamos de amor, os gregos, por exemplo, esperavam obter de três tipos diferentes de mulheres: a escrava, a cortesã e a esposa propriamente dita.”<sup>58</sup>

Na contemporaneidade, é por volta dos 20 a 35 anos que a pessoa começa a fazer escolhas como com quem vai casar, se irá ter filhos ou não. Para Papalia Olds e Feldman é nesta, etapa da vida, que advém a ideia de pertencer a alguém. É quando as relações se tornam íntimas, fortes e com amor, uma vez que a maturidade do indivíduo já aconteceu, podendo assim formar uma relação, em que cada um poderá dar ao outro o de que ele necessita e a troca será mútua.<sup>59</sup>

O ser humano pratica, então, um processo de escolha antes de se unir a alguém. Segundo Bee, este processo é composto de três etapas. A primeira é a característica externa da pessoa. Neste período, será observado se a pessoa combina fisicamente, a idade e se a classe social é compatível. No segundo momento, observa-se as atitudes e crenças em relação à religião, ao sexo, se as escolhas são parecidas com as suas ou não. E, no último momento, a compatibilidade relacionada aos ideais sobre família, filhos, relacionamento e sexo, aspectos que são fortes influenciadores para o escolhido.<sup>60</sup> Portanto, o ser humano é atraído por quem é parecido com ele.

As pessoas se escolhem e passam a funcionar num estilo de vida diferente, com linguagem própria, seguindo um ao outro. Da Silva argumenta que os limites pessoais são ultrapassados, e que é de se esperar que surja uma aliança, um entrelaçamento que é a base para uma nova configuração. Personalidades diferentes, com diferentes habilidades passaram a viver o mundo, unindo-se para construir algo maior, e assim compondo uma nova fronteira, a fronteira da conjugalidade.<sup>61</sup>

Quando um vínculo é formado, se forma uma aliança e a energia flui. Matarazzo afirma que “não é à toa que o uso de alianças é um dos símbolos mais antigos e universais do

---

<sup>58</sup> COSTA, Gley P. *Conflitos da vida real*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 145.

<sup>59</sup> PAPALIA, 2010, p. 441.

<sup>60</sup> BEE, Hellen. *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

<sup>61</sup> DA SILVA, Ailton Amélio. *Relacionamento Amoroso: como encontrar sua parte ideal e cuidar dela*. São Paulo: Publifolha, 2009.

casamento. O círculo dá a noção de ligação, de continuidade.”<sup>62</sup> E o vínculo só conserva-se vivo se essa energia continuar fluindo. Essa é a ideia de mutualidade.

Para Pincus e Dare, “a motivação para o casamento são inconscientes no sentido de o pensamento, motivo, desejo ou fantasia dos quais a pessoa está inconsciente, pode ser mantido fora da consciência, de modo que sua existência seja somente percebida indiretamente.”<sup>63</sup> E isto insinua que raramente é possível saber, questionando abertamente, qualquer razão convincente do porque da preferência do parceiro, ou qual a natureza do casamento.

O que se pode observar também é que as pessoas tendem a projetar na outra expectativa de felicidade e completude, e encarregam ao parceiro o anseio de preencher seus desejos e necessidades de amor, respeito, união, formação de uma família, entre outros.

Quando as pessoas se casam, trazem para a convivência seus valores, suas crenças e mitos vindos de sua família de origem, os quais encontram-se enraizados na sua forma de ver e conviver com o mundo. Para Baldi, o casamento é, portanto, um processo de acomodação, pois são duas pessoas de mundos diferentes, num encontro singular, para, a partir dos valores e crenças que lhes foram transmitidos, produzirem seu próprio significado ou re-significado do que lhes foi passado.<sup>64</sup>

Segundo Carneiro, a construção de uma identidade conjugal comum ao casal, a partir das significações particulares de seus mundos individuais é a conjugalidade. A autora procura em Phillippe Caillé a coerência do casamento contemporâneo, como sendo um mais um é igual a três, na medida em que são duas pessoas, duas interações com o mundo, duas histórias de vida e duas fontes de desejos que, ao morarem juntos, vivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, um projeto de vida conjunto para formarem uma história de vida conjugal.<sup>65</sup>

Carter e Mcgoldrick ressaltam que o início da vida conjugal é ponderada como uma das tarefas mais complexas dentro do ciclo de vida familiar. Além do casamento, aparece a necessidade de renegociar algumas questões definidas previamente, de forma individual, assim como sua relação com a família de origem.<sup>66</sup> Cultivar um casamento também constitui, hoje em dia, uma quebra com a ideia predominante na nossa sociedade, de que a liberdade

---

<sup>62</sup> MATARAZZO, 1992, p. 68.

<sup>63</sup> PINCUS, Lily; DARE, Christopher. *Psicodinâmica da Família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. p. 35.

<sup>64</sup> BALDI, Fernanda. *Casamento e Conjugalidade*. Disponível em: <<http://nassistemico.blogspot.com.br/2011/08/casamento-e-conjugalidade.html>>. Acesso: 04 mar. 2015.

<sup>65</sup> CARNEIRO, Terezinha. *Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade I*. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso: 07 abr. 2015.

<sup>66</sup> CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

individual é o principal objetivo a ser buscado. Porém, sabe-se que existem duas pessoas, com desejos, percepções, história de vida, projetos e identidade diferentes. E que através da união, os dois passam a conviver com a conjugalidade.

Carneiro afirma que surge na conjugalidade “a necessidade da construção de uma nova identidade, constituindo o “eu-conjugal”, que se estabelece através da interação entre os cônjuges.”<sup>67</sup> Esta necessidade é fundamental para a adaptação do casal à realidade que exige a vida a dois. Um processo árduo e complexo, pois a interação com o outro nunca é fácil. Como pontuam Mosmann e Wagner ao enfatizar que o termo casamento é sempre associado a ideias de romantismo. A frase ‘e viveram felizes para sempre’ é exemplo da expectativa envolta na vida de casado. No entanto, o encantamento e o otimismo vivido inicialmente acabam por não ser duradouros e a satisfação esperada termina por gerar a frustração.<sup>68</sup>

Nesse sentido, “há realidades emocionais paralelas na vida de um casal: a dele e a dela. As raízes dessas diferenças, embora em parte biológicas, podem ser identificadas na infância, no mundo emocional onde vivem.”<sup>69</sup> Em, que se aprendem papéis de homens e mulheres. A aprendizagem das emoções promovem aptidões excessivamente diferentes, as meninas aprendem a perceber sinais emocionais verbais e não-verbais, expressar e comunicar seus sentimentos. E os meninos com muita habilidade aprendem a minimizar emoções que dizem respeito a sentir-se vulnerável, com culpa, medo e dor. As mulheres portanto, são mais emocionais que os homens e chegam ao casamento preparadas para exercer o papel de administradora das emoções, enquanto que os homens se casam sem essa ferramenta, apesar desta ser fundamental para a permanência da união do casal.<sup>70</sup>

A respeito do cotidiano da vida conjugal, Diniz afirma que:

Todo homem e toda mulher trazem para relação hábitos, valores, costumes e uma herança afetivo-emocional de suas famílias de origem. A construção da conjugalidade envolve negociações para o estabelecimento de um contrato que vai servir de base para o funcionamento conjugal. Esse contrato inclui várias dimensões: a sexualidade, as formas de demonstração de afeto aceitáveis em público e no contexto privado, a comunicação, as estratégias de negociação de diferenças e de resolução de conflito, a administração do tempo, a organização da vida a dois, a divisão de tarefas entre o par conjugal, o lugar do trabalho e do lazer na vida conjugal, objetivos e expectativas do casal, o grau de individualidade e liberdade de

---

<sup>67</sup> CARNEIRO, 2015, p. 25-87.

<sup>68</sup> MOSMANN, Clarisse; WAGNER, Adriana. *Qualidade conjugal: mapeando conceitos*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n35/v16n35a03.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2015.

<sup>69</sup> GOLEMAN, 2007, p. 56.

<sup>70</sup> GOLEMAN, 2007, p.58.

cada um, ter ou não ter filhos, a criação dos filhos, a relação com as famílias de origem, entre outros.<sup>71</sup>

Com isso, existem, em meio a estas dimensões, aquelas que, inevitavelmente, tornam-se mais valorizadas em algum momento da vida do casal, como, por exemplo, dinheiro, sexo, companheirismo, fidelidade, união, cumplicidade, valores e costumes de determinadas famílias. Estes elementos possuem valor e afetividade e podem se manifestar de maneira positiva ou destrutiva no dia a dia do casal. É fato que as decisões tomadas durante a construção do contrato de conjugalidade estão pautadas nos papéis socialmente aprendidos e expectativas que envolvem estes, na vivência familiar em que a aprendizagem sobre ser homem e mulher no mundo ocorre. À medida que o ciclo vital é desdobrado, a rigidez e a flexibilidade no sistema sexo e gênero irão sendo assimiladas, os indivíduos então carregam esse aprendizado para construção e vivência na conjugalidade.<sup>72</sup>

Por estes motivos, é imprescindível que os cônjuges atentem para as diferenças existentes entre estes. Minicucci converge nesta posição argumentando que, para lidar com o outro, deve-se procurar compreendê-lo por meio da sensibilidade social e empatia e possuir flexibilidade de ação, comportamentos desenvolvidos em função de atitudes e sentimentos de empatia. A sensibilidade social e a flexibilidade de comportamento podem ser desenvolvidas primeiro por meio do melhor conhecimento de si próprio. Pois a não compreensão de comportamentos de si próprio, conflitos internos, atrapalham a maneira de agir. Assim, a descoberta do motivo pelo qual se age de determinada maneira e a tentativa de compensar estes comportamentos auxiliará na eficiência da relação com o outro e percepção de si.<sup>73</sup>

Segundo, a melhor compreensão dos outros, uma forma de atingir tal compreensão é observando os comportamentos e dando oportunidade para que estes exponham seus pensamentos, ações, sentimentos na relação com os outros. Terceiro, a melhor convivência em grupo, aqui cada indivíduo desempenha vários papéis em sociedade, a observância para estes pode desenvolver a sensibilidade social no grupo, possibilitando condições para relações mais amistosas. E, quarto, o desenvolvimento de aptidões para relacionamentos mais eficientes com os outros. Este fator acontece à medida que se começa a utilizar o conhecimento de si e dos outros, aprende-se, a partir disso a se comunicar com adequada

---

<sup>71</sup> DINIZ, Gláucia. *Casal e Família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia*. Organizadora: Terezinha Féres-Carneiro. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 16.

<sup>72</sup> DINIZ, 2011.

<sup>73</sup> MINICUCCI, Agostinho. *Relações humanas: psicologia das relações interpessoais*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

eficácia, a saber ouvir, dialogar, informar, avaliar, elogiar e disciplinar.<sup>74</sup> Portanto, estes aspectos são imprescindíveis para a vida do casal.

## 2.1 Os parâmetros de estabilidade no início da vida conjugal

Para a compreensão dos parâmetros que podem viabilizar um relacionamento estável no início da vida conjugal, vale citar a perspectiva de Dominian, apresentada no livro *Casamento, fé e amor*. Segundo o autor, os primeiros anos do casamento dura aproximadamente cinco anos e são decisivos para a união conjugal. Nesse período, o casal deve formar uma relação estável em cinco parâmetros, no social, físico, emocional, intelectual e espiritual, haja vista que esta fase é de grande importância para a viabilidade da conjugalidade. Um período interessante e essencial que antecipa a vida conjugal é o período de namoro. Neste, percebe-se que o casal estava enamorado.<sup>75</sup>

O enamorar refere-se a uma intensa expectativa emocional, sexual e de idealização de um para com o outro, seguida do amor recíproco. Assim, o amor requer disponibilidade e a vontade de estabelecer um relacionamento minimamente nesses pontos. Se esse mínimo não existe, o casamento dificilmente progredirá. No entanto, o estabelecimento dos parâmetros exige sustentação, cura e crescimento, e, quando a adequação acontece, as exigências se aliarão às atividades concretas com as quais o casal possa vir a se defrontar.<sup>76</sup>

Diante disso, a dimensão social, no início da vida conjugal, envolve problemáticas referentes à preparação do lar, à distribuição das tarefas domésticas, às finanças, à relação com parentes e amigos, ao trabalho e ao lazer. No que tange à preparação do lar, esta demanda o desejo de estabelecer residência própria para a maioria dos casais. Morar na própria casa, separados da família, é ideal para a vida autônoma, a oportunidade de experimentar, cometer erros e corrigi-los sem a supervisão dos familiares. Na atualidade, a preparação do lar é tarefa dos cônjuges, considerada um exercício mútuo onde o casal se adapta à visão estética e prática específica de cada um viabilizando a mais adequada decisão para ambos.<sup>77</sup>

Sobre a distribuição de tarefas domésticas, o autor cita que esta era de inteira responsabilidade da mulher. Hoje é provável que a mulher esteja trabalhando na divisão de responsabilidades. O marido por vezes é solicitado a cumprir sua parte nas tarefas, mas existe

---

<sup>74</sup> MINICUCCI, 2009, p. 65.

<sup>75</sup> DOMINIAN, Jack. *Casamento, fé e amor*. Tradução José de Sá Pórto. São Paulo: Loyola, 1988.

<sup>76</sup> DOMINIAN, 1998.

<sup>77</sup> DOMINIAN, 1998.

a possibilidade deste não se adequar a essa realidade devido à tendência a deixar o trabalho da casa para a mulher. No entanto, atualmente, a mulher tem pretensões em seguir carreira profissional, e isso remete à sustentação do marido no apoio às tarefas domésticas, e ao incentivo à mulher quando as dificuldades e cobranças da vida profissional e social acontecerem, em consequência disso, a mulher podem se deparar com sentimentos de culpa por ser mãe e profissional em tempo integral.<sup>78</sup>

As finanças, nos primeiros anos da vida conjugal, provavelmente, ainda não são tão difíceis, e podem permanecer dessa maneira até a chegada do primeiro filho. O dinheiro possui significado intrínseco e é um símbolo poderoso para fins do amor. Dependendo da aprendizagem associada a este ponto, existem cônjuges que podem ter dificuldade de pensar somente em si, e preferem utilizar o dinheiro para toda a família, deixando de lado suas próprias necessidades. Com a chegada do primeiro filho, pode acontecer da mulher deixar de trabalhar, ficando totalmente dependente do marido. Este, por sua vez, deve fazer o possível para que sua contribuição seja percebida como voluntária e espontânea. Esse comportamento faz com que o dinheiro se torne um mecanismo de disponibilidade amorosa.<sup>79</sup>

No que tange aos parentes e amigos, este é um ponto que envolve uma separação mais que física. Anteriormente ao casamento, os cônjuges que até então tinham seus pais como ponto central da vida, necessitam mudar e fazer-se centro um ao outro. Uma separação difícil, observada como um desafio para alguns indivíduos, pois se estes forem demais apegados aos seus pais, será mais doloroso cortar o cordão umbilical. Deste modo, o outro da relação deverá ser paciente, provando que essa alternativa é confiável, e com tempo aguardar que o parceiro se acostume a vê-lo como ponto de referência.<sup>80</sup>

Além disso, lidar com a separação também é uma dificuldade para os pais que muitas vezes não aceitam a partida dos filhos. Em relação aos amigos, o casal deve firmar um acordo sobre quais amigos que possuíam antes do casamento continuarão a fazer parte da intimidade de casados. É possível ocorrer brigas por ciúmes devido às amizades antigas, por isso, amigos que representem ameaças para o casamento devem ser postos de lado, todo esse processo requer decisão conservadoras por parte dos cônjuges.

Em relação ao trabalho, esse tem poucas modificações na conjugalidade. O marido dificilmente interrompe a continuidade do trabalho e o impacto do casamento não causa revolução em sua vida. A esposa geralmente trabalha até a chegada do primeiro filho e depois

---

<sup>78</sup> DOMINIAN, 1998.

<sup>79</sup> DOMINIAN, 1998.

<sup>80</sup> MINICUCCI, 2009, p. 66.

há a tentativa de adequação às exigências enquanto mãe e sua vida profissional. E por, fim, o lazer preexiste a vida conjugal. O próprio período de namoro já é um forte fator que naturalmente revela as preferências de lazer do casal. Os interesses em comum devem prevalecer. Com a chegada do primeiro filho, os cônjuges deverão se adequar a atenção que necessitam possibilitar à criança e a sua relação íntima.<sup>81</sup>

Ao referir-se a dimensão física nos primeiros anos do casamento, Dominian afirma que este é inerente a momentos de conhecimentos para o casal. A satisfação sexual é de suma importância nesse período, e devido às experiências sexuais anteriores os, cônjuges podem abordar-se de forma repousante e confortável. Em cerca de um ano, o ritmo satisfatório da vida sexual será estabilizado. Vale assinalar que a busca por satisfação conjugal está além do orgasmo, a combinação de toques físicos eróticos com palavras permite o encontro das necessidades adultas e infantis. E essa ocasião leva à regressão das formas primitivas de alegria e de excitação, reunindo-se na unidade experimentada na infância quando estes ficavam nos braços da mãe.<sup>82</sup>

Então, considerando que a união física permite uma unidade emocional com que o eu e tu são dissolvidos, as fronteiras da personalidade do casal é perdida para tornar-se uma só coisa. Essa concretização somente acontece quando o casal confia na reciprocidade do compromisso. Por outro lado, a intimidade pode trazer ameaças para a relação devido à ocorrência do controle ou do desgosto durante o ato, o que demandará hábil comunicação entre o casal sobre as regiões de prazer, qual toque é desejado, a excitação anterior à união genital e ao vínculo físico que propicia o orgasmo satisfatório. Esses fatores desdobrarão o orgasmo mútuo produtor de mais prazer para o casal.<sup>83</sup>

A despeito da dimensão ou da comunicação emocional da conjugalidade, Dominian afirma que ela é central na relação dos cônjuges. Ambos necessitam compartilhar desejos, estímulos e reconhecimentos mesmo em ocasiões que não ocorram o ato sexual. A existência de inúmeras experiências diárias impõe comunicação cuidadosa. O tempo de estar juntos e a sós deve ser bem organizado e estruturado. A comunicação, portanto, refere-se a prática de repassar necessidades de um para com o outro e reavaliar a compreensão de ambos.<sup>84</sup> Essa prática será melhor trabalhada na seção que define o casamento sob-medida.

Entretanto, cabe aqui citar como exemplos da dimensão emocional, quando um dos cônjuges não consegue lidar com críticas do outro, ou o outro só se sente seguro com

---

<sup>81</sup> DOMINIAN, 1998.

<sup>82</sup> DOMINIAN, 1998.

<sup>83</sup> DOMINIAN, 1998.

<sup>84</sup> BALDI, 2011.

afirmações repetidas, e ainda quando a irritação não é expressa, fomentando possíveis conflitos mais tarde na relação. Essas situações constituem as primeiras experiências de interação no casamento, o que reporta a um fator imprescindível na comunicação, à disponibilidade de tempo. Quando o casal trabalha, considera por vezes, difícil que o diálogo ocorra, mas, se ambos desejarem em algum momento, a comunicação ocorrerá, ainda que a dificuldade em expressar seus sentimentos, ou suas desculpas para não dialogar frustrar o outro<sup>85</sup>, e o casal considere a comunicação difícil.

A cerca da dimensão intelectual, Dominian destaca que esta se refere às semelhanças entre o casal. A relação, no período de namoro, garante essa realidade, o que não quer dizer que sejam idênticas, pois se espera que ambos tenham inteligência semelhante, analisem os problemas sob o mesmo prisma, tenham interesses propícios a direcionar a harmonia conjugal, dividam e experienciem semelhanças sobre religião, economia, política e outros, mas, nem sempre isso acontece, e as diferenças no modo de ver as coisas emergem até mesmo no período de namoro. Por isso, as dificuldades aparecem quando um dos cônjuges não aceita objeções ao ponto de vista do outro, percebendo estas como um tipo de confronto pessoal ou quando o casal não se conhece, descobrindo com a convivência que têm pouca coisa em comum.

Destarte, Dominian faz notar que a dimensão espiritual alude duas vertentes. Primeiro, a religião possui impacto direto na conjugalidade, e segundo, é um sistema de valores compartilhado pelo casal. O casamento é considerado sagrado e santo de acordo com a tradição judeu-cristã, na perspectiva da tradição católica é sacramento, um canal que direciona à graça. Assim, todas as experiências do casal, sejam sociais, físicas, emocionais e intelectuais conduzem à graça divina.<sup>86</sup>

O casal, então, adquire a oportunidade de experimentar Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Outros casais não percebem a Deus nesta definição judeu-cristã, e dependem na sua espiritualidade dos valores humanos, mas em outros quesitos assemelham-se aos cristãos, vivenciando o amor, a união com amor, caracterizado pelo carinho, preocupação, confiança, justiça, auxílio aos desamparados, apoiando a dignidade do ser humano. Portanto, a maneira como os cônjuges se tratam é a parte principal dos valores que direcionam suas vidas.<sup>87</sup> No mais, as definições supracitadas direcionam a compreensão de como se desdobram os

---

<sup>85</sup> DOMINIAN, 1998.

<sup>86</sup> DOMINIAN, 1998.

<sup>87</sup> DOMINIAN, 1998.

parâmetros que permeiam a vida do indivíduo, e, no início da vida conjugal, são fatores determinantes para a estabilidade e harmonia do casal.

## 2.2 O Cuidado com o outro

O casamento continua sendo a evidência mais durável do compromisso de um casal, é celebrado em todas as culturas do mundo por meio de uma cerimônia nupcial completa. Como resultado desta união, espera-se um amor aprofundado ao passar dos anos, fortalecido pelo nascimento e criação dos filhos, pelo enfrentamento de problemáticas financeiras e emocionais, o compartilhamento de compromissos financeiros e sociais e, demais dificuldades naturais da convivência diária. De maneira geral, o casamento é benéfico para cada um dos cônjuges, ainda que ambos desempenhem papéis distintos e complementares, estas condições podem fortalecer o relacionamento.<sup>88</sup>

Nesta ótica, o cuidado com o outro está intrínseco à capacidade de amar, seja esse amor dirigido ao outro e a si mesmo. O que de acordo com Araújo pressupõe o desenvolvimento normal da experiência simbiótica e da fase de separação individualização. Estabelecer uma relação madura com aquele que é diferente requer uma estrutura emocional capaz de suportar o contínuo e o descontínuo comuns em qualquer relação de intimidade. Em suma, um casal se constitui através de múltiplas identificações projetivas. Um projeta no outro as suas demandas e espera que estas sejam atendidas, preenchendo assim as carências que os afligem.<sup>89</sup>

As identificações e projeções percebidas na relação provém, das histórias de vida de cada um, e esse fator pode ser decisivo para arranjos conjugais construtivos ou destrutivos. A qualidade e o desenvolvimento da relação dependem então da combinação estabelecida entre os cônjuges, no que cada um busca no outro, na capacidade do ego e disposição interior que possuem de corresponder ou não para as demandas mútuas.<sup>90</sup> Na perspectiva de Aboim, a vivência da conjugalidade alude o nós, determinado por rotinas e obrigações, amor, amizade, paixão e autonomia.<sup>91</sup> Portanto, é enfático citar com base nesses fatores que o cuidado exige atenção e disponibilidade para aceitar as diferenças existentes entre o casal, pois como identifica Braunstein:

---

<sup>88</sup> BERGER, Kathleen. *O Desenvolvimento da Pessoa: da infância à terceira idade*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

<sup>89</sup> ARAÚJO, Maria. A difícil arte da convivência conjugal: a dialética do amor e da violência. FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (Org.). In: *Família e Casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005.

<sup>90</sup> ARAÚJO, 2005.

<sup>91</sup> ABOIM, Sofia. *Emoções e rotinas: a construção da autonomia na vida conjugal*. Disponível em: <[http://www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR4628d1ab9eb22\\_1.pdf](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628d1ab9eb22_1.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2015.

O cuidado é uma atividade ou atitude que envolve mecanismos psicológicos (afetivo, racional e comportamental) congruentes ou dissonantes, conflitantes, paradoxais, que envolvem concordâncias e contradições sociais, permeando a esfera da identidade, do si mesmo, do mim mesmo, e que se expressam enquanto configurações sociais nas dimensões qualitativas do campo de abrangência da conexão humana, e da empatia.<sup>92</sup>

Assim, o cuidado constitui a habilidade de oportunizar ao outro a mesma atenção requerida a si mesmo, devido ao autoconhecimento e à empatia pelo outro, o que resulta na harmonia da relação conjugal. Como ressalta Amorim, para a prática do cuidado, é necessário e emergente que o indivíduo tenha consciência do que ele é, suas fragilidades e capacidades, e o que quer para si. Dessa maneira, ele precisa praticar a autoconsciência, autoanálise e autocrítica. Para dar sentido ao viver, ele necessita cuidar de si, concebendo a ética como responsável pela vida e a auto ética como estética de si, do eu interior, estas são fundamentais para o cuidar do outro.<sup>93</sup>

A prática do cuidado com o outro define-se pelo zelar do diálogo eu/tu, como instância construtora de paz e amor para a relação, implicando a superação de dominação dos sexos, e a viabilidade de que as diferenças entre o casal não são sinônimas de desigualdades, mas, específicas da natureza do homem.<sup>94</sup> Ademais, o cuidado é um caminho de dupla troca, o cuidar e o ser cuidado. Ele é uma prática inerente ao ser humano observado por meio de atitudes, vontades e preocupação com o outro. Para mulher, é percebido como solicitude, afeição, preocupação e amor, um gesto amoroso. Para o homem, trata-se de preocupação e inquietação pelo outro, pois aquele que cuida sente-se envolvido afetivamente, carregando responsabilidade por esse outro. O desenvolvimento do cuidado implica no empenho e no querer cuidar.<sup>95</sup>

---

<sup>92</sup> BRAUNSTEIN, Helio Roberto. *Ética do cuidado: das instituições de cuidado e pseudo cuidado*. 2012. 216 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia - USP. 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-21082012-160819/pt-br.php>>. Acesso em: 13 out. 2015.

<sup>93</sup> AMORIM, Karla. *O cuidado de si para o cuidado do outro*. Disponível em: <<http://www.saocamilosp.br/pdf/bioethikos/155557/a09.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2015.

<sup>94</sup> BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano*. Disponível em: <<http://www.smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Ambienta/SABER%20UIDAR-%C3%A9tica%20do%20humano.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2015.

<sup>95</sup> BOFF, Leonardo. Justiça e cuidado: opostos ou complementares? In: PEREIRA, Tânia; OLIVEIRA, Guilherme (Orgs.). *O cuidado como valor jurídico*. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

### 2.3 O casamento sob-medida

A determinação dos cônjuges não é o suficiente para que o casamento se torne bem estruturado. Deste modo, para alcançar este fim é necessário que cada uma das partes estejam preparadas e dispostas a assumir responsabilidades. A própria definição de papéis é inerente à definição de responsabilidades, tendo como finalidade preservar a relação conjugal. No decorrer do namoro e do noivado, o casal não percebe como enfática tais definições, mas, no casamento, se deparam com conflitos que precisam ser resolvidos. A questão problemática que se destaca nesse momento é fato dos dois reivindicarem para si o direito de tomar decisões finais, ocasionando a prática de decisões divergentes que não contemplam o real desejo do outro. Atentos a essa percepção, os cônjuges percebem que necessitam fazer algo se quiserem manter a vitalidade do casamento. Por isso, a ideia de unidade em todos os aspectos é base, incluindo a comunicação e decisões do casal, ou seja, estando em unidade, os dois devem tomar decisões como se fossem um.<sup>96</sup>

Dessa maneira, o casamento sob-medida é sinônimo nas palavras de Narciso e Costa, de uma vivência relacional “única, singular, onde a personalidade de um se entretete na personalidade do outro. É nesse tecido relacional em permanente criação que se emalham semelhanças e diferenças, proximidades e distâncias, complementaridades e simetrias<sup>97</sup>”, surgindo o julgamento de menor ou maior satisfação dos cônjuges. Logo, não se trata de aprender a tolerar o outro, mas estar disposto a lidar com suas diferenças em posição de igualdade. Como enfatiza o escritor José Saramago:

Tolerar a existência do outro, e permitir que ele seja diferente, ainda é muito pouco. Quando se tolera, apenas se concede. E essa não é uma relação de igualdade, mas de superioridade de um sobre o outro. Deveríamos criar uma relação entre as pessoas, da qual estivessem excluídas, a tolerância e a intolerância.<sup>98</sup>

A vida conjugal satisfatória não se caracteriza pela superioridade de um sobre o outro, mas, no desejo de ambos em permanecerem unidos. Nesse sentido, relações de empatia são mais promissoras, até porque como discorre Féres-Carneiro, a constituição e preservação do casamento na atualidade estão sendo influenciadas por valores do individualismo. Os

<sup>96</sup> NETO-SOUZA, Cíntia. *O Comportamento Emocional na Crise Conjugal*. 2003. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/3/CINTIA%20SOUZA%20NETO.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

<sup>97</sup> NARCISO, Isabel; COSTA, Maria. *Amores Satisfeitos, mas não Perfeitos*. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/15550/2/84570.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2015. p. 118.

<sup>98</sup> SARAMAGO, José. Tolerância não é igualdade. In: *Globo 2003*. Disponível em: <<http://www.citador.pt/textos/tolerancia-nao-e-igualdade-jose-de-sousa-saramago>>. Acesso em: 10 out. 2015.

ideais da relação conjugal, hoje, se referem à autonomia e à satisfação individual e, não, mais nos laços de dependência entre o casal. Isso não significa que constituir um casal não demande mais a criação de uma identidade conjugal, pelo contrário, na contemporaneidade o casal é confrontado a lidar com a individualidade e a conjugalidade. E, ao mesmo tempo em que o individualismo estimula a autonomia dos cônjuges, com a premissa de sustentação do desenvolvimento de cada um, a vivência emergente da conjugalidade exige a comunhão de desejos e projetos conjugais.<sup>99</sup>

Ao referir-se a tal assunto, Berger identifica que a equidade conjugal afeta o desdobrar do casamento. A disponibilidade dos dois para a igualdade na parceria torna-se essencial. E o casamento permanece estável e feliz a partir do momento que os parceiros consideram a troca justa.<sup>100</sup> A cooperação, o projeto, e a amizade representam, segundo Aboim, a estrutura semântica de companheirismo privilegiando os sentimentos de amor e amizade que devem fundamentar um projeto de vida em comum. Em meio ao companheirismo e aos momentos de paixão, o cotidiano conjugal caracteriza-se pela alternância nos desafios da individualidade e da união, da paixão, da amizade, do amor e do desejo.<sup>101</sup>

Para Diniz, a vivência saudável da conjugalidade envolve, portanto, a capacidade de perceber e reconhecer as necessidades de si e do parceiro, habilidade para lidar com as diferenças, ceder e assumir compromissos e utilizar estratégias adequadas para resolver conflitos. A maneira como cada um lida com estresse e adversidades irá variar e dependerá das características subjetivas, do temperamento, da capacidade de expor necessidades e ressentimentos, e do aprendizado cultural.<sup>102</sup> No mais, a comunicação aparece também como propositora do equilíbrio conjugal, por conduzir a aproximação dos cônjuges. E será o tema trabalhado na subseção seguinte.

## 2.4 A comunicação do casal

Eles se viram, apaixonaram-se e, em uma união sólida se esqueceram do mundo, mas a união, o encontro e o amor, em alguns casos, são complementações de falhas, por que, ao se casar surgem as frustrações, os ressentimentos e os desapontamentos, devido às defesas

---

<sup>99</sup> FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. *Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade*. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&tl](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&tl)>. Acesso em: 10 set. 2015.

<sup>100</sup> BERGER, 2011.

<sup>101</sup> ABOIM, 2015.

<sup>102</sup> DINIZ, 2011.

utilizadas por cada um dos cônjuges, e à ideia de estar casando com a imagem que se tem da pessoa e não com o que ela realmente é. Então, após o casamento, eles descobrem as diferenças do que cada um aparentava no período de namoro. Estas diferenças, ao invés de proporcionar a união, podem contribuir para afastá-los, levando-os à discórdia, aos conflitos, aos insultos, e ao isolamento. Para assumir os papéis conjugais, o casal precisa abandonar os papéis de solteiros, procurar o equilíbrio dentro do lar. O que cada um deseja, faz melhor, pensa, gosta, como lida com suas responsabilidades, para que assim comecem a aprender a expressar em comum, pensamentos, gostos, sentimentos, sem destruir ou arrasar o outro, alcançando o interesse em conjunto.<sup>103</sup>

Diante disso, a comunicação acontece quando as duas pessoas possuem interesses em comum, ela existe na capacidade dos indivíduos de se encontrarem e de se reencontrarem. Porém, se a comunicação for estabelecida de maneira inadequada, pode ocorrer o que se chama de filtragem na comunicação, quando a mensagem é recebida em parte, o ruído, a mensagem é distorcida ou não interpretada fidedignamente, e o bloqueio, quando a mensagem não é captada ou interrompida. Todos estes elementos propiciam ressentimentos, que podem perdurar anos e criar inimizades. Um fator interessante é quando a mensagem não é captada de maneira adequada, a possibilidade de entender de maneira errônea o que o transmissor quis inferir pode acontecer com maior probabilidade. Pois, as necessidades e experiências influenciam na visão e audição do receptor, fazendo com que algumas pessoas sejam mais douradas do que outras. Assim, as mensagens não aceitas são reprimidas, ouve-se apenas o que se quer, o restante é filtrado.<sup>104</sup>

Dessa maneira como enfatiza Minicucci, “muitos casamentos terminam porque nenhum dos cônjuges sabe ouvir. Ambos sabem apenas falar. Falam muito e desconhecem o silêncio e as pausas, como elementos de harmonia.”<sup>105</sup> E o pouco silêncio é indicativo de dificuldades no casamento, as pausas propiciam oportunidades para que um fale, enquanto o outro aprende a ouvir. É importante enfatizar que a tomada de decisões e resolução de conflitos estimulam a comunicação ativa entre o casal. O diálogo ocupa lugar extremamente importante no relacionamento conjugal. Na atualidade, devido às ocupações do cotidiano, os casais estão deixando de lado a comunicação ativa e significativa com seu cônjuge. Todavia, o investimento em um casamento saudável requer comunicação consistente. As decisões devem ser tomadas após o casal ter trocado impressões e opiniões. Isso ocorrerá por um processo,

---

<sup>103</sup> MINICUCCI, 2009, p. 69.

<sup>104</sup> MINICUCCI, 2009, p. 69.

<sup>105</sup> MINICUCCI, 2009, p. 71.

onde os dois com o tempo se treinam e são treinados mutuamente. Então, os atritos podem até acontecer, mas isso não vai significar a presença de conflitos na relação.<sup>106</sup>

A comunicação pode ser representada da seguinte maneira: comum + ação, ou seja, uma ação em comum. Nesse caso, é a ação sobre uma pessoa, o alvo de interesse, o receptor da informação, portanto a comunicação implica uma relação intencional, direcionada para alguém ou para outras pessoas, é o produto de um encontro social. Não se trata apenas de pessoas que têm algo em comum por pertencer a um determinado grupo, mas de indivíduos interessados e atentos ao outro. A comunicação se manifesta quando duas ou mais pessoas se encontram e trocam algum tipo de informação, ela faz parte da rotina do ser humano e é através dela que as pessoas se reconhecem.<sup>107</sup>

Com isso, a comunicação promove não somente o conhecimento do outro como o conhecimento de si mesmo, o autoconhecimento. Na interação, é necessário o reconhecimento do outro sobre o que está sendo debatido e, conseqüentemente, a reação dele diante dessa comunicação, pois esta troca é primordial para seu reconhecimento como tal. Por outro lado, a deficiência na comunicação é fonte geradora de muitos conflitos. Um casamento em que ambos têm habilidade para expressar seus anseios está mais propício ao equilíbrio conjugal.<sup>108</sup> Não deixando de considerar que, para esse ideal acontecer, são enfáticos vários aspectos associados às vivências do indivíduo.

Gottaman e Silver fazem notar a existência de seis indicadores que determinam o curso provável de uma comunicação ruim. O primeiro indicador ocorre quando uma discussão abrupta se inicia com tom negativo e eleva-se rapidamente de tom. O segundo se divide em quatro, a crítica destrutiva, quando o cônjuge ataca a autoestima do outro, o desprezo, estes utilizam de cinismo e sarcasmo, também ameaçando a autoestima do outro, a atitude defensiva, os cônjuges se recusam a assumir responsabilidades, e, o muro de silêncio, eles evitam a comunicação e a expressões de emoções. O terceiro indicador se refere a hostilidade manifesta. No quarto, observam-se mudanças na linguagem corporal, na tensão e na frequência cardíaca que aumentam impulsionando o indivíduo à luta ou à fuga. No quinto, há tentativas do casal de cessar a tensão de uma discussão. E no sexto, seriam referentes às

---

<sup>106</sup> NETO-SOUZA, 2003.

<sup>107</sup> FIGUEIREDO, Patrícia. *A influência do locus de controle conjugal, das habilidades sociais conjugais e da comunicação conjugal na satisfação com o casamento*. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v6n1/v6a14.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2015. p. 128.

<sup>108</sup> FIGUEIREDO, 2005, p. 128.

memórias negativas, à dificuldade do casal em rever e recordar os aspectos positivos referentes ao início da relação.<sup>109</sup>

No entanto, apesar da possibilidade de existir uma comunicação falha na vida conjugal, a capacidade e habilidade do casal para lidar com a diferença do outro exige a comunicação. Não como um simples mecanismo mantenedor da relação, mas, como um habilidade que pode conduzir a maturidade conjugal. Afinal, no início da vida conjugal, as expectativas e frustrações são vividas intensamente, podendo direcionar o cônjuge à percepção de que não é capaz de conviver com um outro que não é semelhante a ele. Um processo de adaptação inerente à percepção de si mesmo, as escolhas e prioridades para sua própria vida, mas que devido à conjugalidade deve ser ampliada à consideração do nós, enquanto sujeitos que optaram por compartilhar a sua vítima íntima, particular, social e profissional a um outro ser que também possui configurações específicas e que, apesar de tais distinções, desejam construir uma unidade favorável a interação estável com o outro.

---

<sup>109</sup> GOTTMAN, J.; SILVER, N. *Os 7 princípios do casamento*. Cascais: Pergaminho, 2001.



### **3 O *OUTRAR-SE* E O ESTRANHAMENTO COM O OUTRO**

Teorizar sobre as vicissitudes na relação conjugal é um fator que implica a análise da percepção do indivíduo a respeito de si mesmo, enquanto ser único que possui particularidades adquiridas no decorrer de seu desenvolvimento, mas que devido à sua condição relacional, precisa saber lidar com o fato de que o outro também possui particularidades. Nesse sentido, este capítulo teve como objetivo apresentar os percalços vivenciados pelo casal, quando estes se deparam com o *outrar-se*, as diferenças subjetivas existentes entre eles, a necessidade de tentar se colocar no lugar do outro para minimizar a dificuldade de estar cotidianamente em contato, e o autoconhecimento, imprescindível para o processo de outramento e amadurecimento do casal.

#### **3.1 A importância do *Outrar-se***

Cada ser humano apresenta peculiar personalidade influenciada pelo meio cultural e social constituidor e produtor de valores individuais e da progressiva individualidade. Por tal consideração, as ações são sempre diretivas da relação com o outro, comportamentos, emoções e percepções exultam da interação inevitável, natural e fundamental da existência humana. Assim, é sempre mais fácil analisar o outro que o circunda como produtor de história, um espelho revelador de vontades e certezas, em primazia ao eu particular, fruto do autoconhecimento e da necessidade de identidade subjetiva, a consciência de si, numa visão específica de mundo. Deste modo, o *outrar-se* surge como demanda da precisão de desvendar a consciência e a personalidade subjetiva.

Simeoni corrobora com esta percepção afirmando que, “a criação heteronímica de Fernando Pessoa nos faz pensar na negação do eu como unidade constituída, numa fuga que se enovela em um desafio de *outrar-se*”<sup>110</sup>, demonstrando a dificuldade enfrentada pelo indivíduo para fazer a diferenciação de si mesmo, tornando-se o outro, que, ao entrar em contato com esta diferença, embasa-se na alteridade. Apesar dessa dificultosa habilidade, o ser humano precisa considerar a importância do *outrar-se*, posto que, na sociedade atual o eu se encontra fragilizado, devido aos impactos do sistema capitalista que, inevitavelmente, passou a ditar novas formas de comportamentos, resultando, segundo Bauman, em uma modernidade

---

<sup>110</sup> SIMEONI, Cristiane. A desconstrução do Eu em Fernando Pessoa. *Revista Desassossego*. São Paulo, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/47612/51352>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

líquida que degrada os laços afetivos e a convivência, destruindo valores como tolerância, solidariedade e confiança.<sup>111</sup>

E mesmo envolto na fragilidade, há também a sua exacerbação, pois o eu está imerso na imediatez do capital, na diversidade de informações e produtos. Reis enfatiza que o indivíduo vem ocupando um papel notável na atualidade, e como, resultado de todas as modificações no contexto social, faz-se indispensável uma diferenciação, a concepção de uma identidade onde seja visível a distinção deste indivíduo frente aos demais, firmando a sua relevância.<sup>112</sup> Para atrelar-se a esta identidade, Couto descreve em seu poema “Identidade”, “preciso ser um outro, para ser eu mesmo”<sup>113</sup>, destacando a prerrogativa específica que traduz o autoconhecimento, o *outrar-se* e a singularidade do outro, que, enquanto ser desejanter, também deve mergulhar nesse distinto processo de olhar para si.

Salgado faz notar que “o sujeito, portanto, só pode se conhecer e se encontrar na medida em que exercitar as muitas possibilidades de se ‘outrar’.”<sup>114</sup> Nesse sentido, o *outrar-se* conduz a capacidade de elaboração dos próprios anseios do indivíduo, permitindo uma visão ampla de compreender seus sofrimentos e dos outros. Ao referir-se a tal assunto, Schuback diz que os métodos de comparação definidores de práticas discursivas a respeito do outro, o estranho e a diferença permitam cada vez mais a limitação de enxergar as condições de comparação e dos mecanismos. Jamais se discutiu tanto sobre o outro, o estranho, e a diferença, entretanto, nunca foi demasiadamente árduo tornar-se outro, *outrar-se*, nas palavras enunciadas por Fernando Pessoa. Discorre-se sempre por meio de comparações, conduzindo as diferenças a uma conduta de normalidade.<sup>115</sup>

Trata-se de uma questão que envolve o pensar influente dos padrões disseminados no decorrer da vida, distanciadores da ótica de diferenciação de si como algo natural. Ora, o desconhecido continuamente causa desconforto, é estranho, e o pensar em si ou sobre si, fazendo a diferenciação, tentando se colocar no lugar do outro, o fenômeno da alteridade, não é algo continuamente realizado, mas, essencial para identificar a diferença específica de cada um. Pois, como assinala Esperandio, o *outrar-se*, denominado também como outramento,

---

<sup>111</sup> BAUMAN, 2004.

<sup>112</sup> REIS, Henrique. *Otrar-se na moda: criação de narrativas pessoais*. Disponível em: <[http://colocuiomodas.com.br/anais/anais/6-Coloquio-de-Moda\\_2010/71759\\_Otrar-se\\_na\\_moda\\_-\\_criacao\\_de\\_narrativas\\_pessoais.pdf](http://colocuiomodas.com.br/anais/anais/6-Coloquio-de-Moda_2010/71759_Otrar-se_na_moda_-_criacao_de_narrativas_pessoais.pdf)>. Acesso em: 30 abr. 2015.

<sup>113</sup> COUTO, Mia. *Raiz de orvalho e outros poemas*. Lisboa: Caminho, 1999. p. 13.

<sup>114</sup> SALGADO, Maria. *Felicidade e autoconhecimento: imagens abensonhadas em Mia Couto*. Disponível em: <[http://setorlitafica.letras.ufrj.br/mulemba/download/artigo\\_10\\_5.pdf](http://setorlitafica.letras.ufrj.br/mulemba/download/artigo_10_5.pdf)>. Acesso em: 30 abr. 2015.

<sup>115</sup> SCHUBACK, Marcia. Influência, inspiração e improvisação como categorias hermenêuticas. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, n. 25, 2011. Disponível em: <<http://revistaterceiramargem.com.br/index.php/revistaterceiramargem/article/view/21>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

refere-se a um processo fundamental da vida, a diferenciação de si, que apenas acontece através do vincular com o outro, com a alteridade, onde a diferença induz a nova percepção do eu existencial.<sup>116</sup>

Esperandio argumenta ainda que quando a diferença do outro é experienciada de maneira muito intensa, o processo de outramento é vivenciado evolutivamente da mesma maneira. O “outro, estranho, estrangeiro”, cuja imagem não reflete a do indivíduo, que difere da dele, gera fascínio e aversão, provocando alterações ao aspecto subjetivo daqueles que interagiram.<sup>117</sup> Schuback aponta que o indivíduo, ao se comparar com o outro, toma por base a si mesmo, assim como ao outro que lhe revela, nesse momento ocorre a constituição de si, do outro, e o incidir do outro como “relacionalidade”, o conhecimento é instituído com o outro, diferença relativa ao indivíduo deste conhecimento, por meio de objetivos de sua cognição que novamente são lançados para este outro.<sup>118</sup>

De fato, o indivíduo ao se deparar com as diferenças em suas relações desemboca em grandes conflitos que o direcionam a adaptações, e, quando ocorre a diferenciação, o *outrar-se*, o entendimento de que existe um outro que difere dele por suas particularidades, mas que na verdade, precisa ser compreendido da mesma forma que ele também deseja ser, a mudança na subjetividade promove o amadurecimento individual e relacional. Brandão argumenta que a analogia entre alteridade e identidade é ativa, o eu complementa o tu, a centralidade do relacionamento não está submetida por estes, mas, no discurso concebido pelos dois, logo, é na interação com o outro que o indivíduo atinge a sua completude.<sup>119</sup>

Portanto, os indivíduos procuram parceiros com a finalidade de serem felizes e, conseqüentemente, depositam esperança nas suas relações amorosas, almejando encontrar a satisfação ainda não atingida. Homens e mulheres levam para a formação do vínculo conjugal a herança familiar inerentes a sua história de vida, e, diante da inevitável interação. Devem atualizar e aprender a conviver com a constituição psíquica do seu cônjuge.<sup>120</sup> E, é, nesse encontro com a diferença, que a consciência de limites de cada um é acionada, desalojando os indivíduos de seu conforto psíquico, emocional, físico e imaginário.<sup>121</sup> O que requer a capacidade de outramento, exigindo do indivíduo disponibilidade para perceber-se enquanto

<sup>116</sup> ESPERANDIO, Mary. *A capacidade de outrar-se – diferenças como desafio para a prática do cuidado e aconselhamento pastoral*. Pistis Prax, Curitiba, v.3, n.2, 2011. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

<sup>117</sup> ESPERANDIO, 2011, p. 427.

<sup>118</sup> SCHUBACK, 2011, p. 130.

<sup>119</sup> BRANDÃO, Helena. *Introdução à análise do Discurso*. Campinas: Unicamp, 1991.

<sup>120</sup> PAIVA, Maria. *As interfaces na constituição do vínculo conjugal*. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v10n2/v10n2a09.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2015.

<sup>121</sup> ESPERANDIO, 2011, p.132.

significante na relação, e ao outro como diferente, entretanto, é a compreensão destas diferenças que será fundamental na construção da relação, evitando possíveis impasses para o casal e a consideração de que ambos precisam *outrar-se*.

### 3.2 O primeiro impasse do casal

Todo indivíduo carrega consigo algo que lhe é inerente, uma personalidade, detentora de particularidades, subjetividades, vivências culturais e sociais específicas que fazem dele um ser único, influenciado e influenciador de sua história. Além disso é determinado pela maneira a qual é apresentado ao convívio com os outros, pelos espelhos emanadores de certezas e incertezas, causadores de angústias e frustrações necessárias ao amadurecimento e fundamentais na vivência da alteridade. E, apesar da intensa alienação no outro, devido às influências refletidas em suas ações, apresenta sua maneira racional e emocional de lidar com as divergências diárias. Para cada relação, deve haver uma postura socialmente aceitável, que condiz com as normas e com os valores para o convívio respeitoso. Eis a certeza individual, a complexidade humana instauradora de dúvidas. O desconhecimento sobre o outro é poesia em Fernando Pessoa:

Como é por dentro outra pessoa  
 Quem é que o saberá sonhar?  
 A alma de outrem é outro universo  
 Com que não há comunicação possível,  
 Com que não há verdadeiro entendimento.  
 Nada sabemos da alma  
 Senão da nossa;  
 As dos outros são olhares,  
 São gestos, são palavras,  
 Com a suposição de qualquer semelhança.<sup>122</sup>

Então, estaria este indivíduo singular detentor de todas estas vivências preparado para atrelar-se a uma vida conjugal? Questão extremamente relevante, cuja resposta se encontra desdobrada no desenvolvimento psicológico e social do indivíduo e na sua disposição maturacional para aceitar a diferença do outro e de si. Como afirma Palacios, apresentado na obra de Coll, Marchesi e Palacios, o desenvolvimento psicológico é resultado de múltiplas influências, as características da espécie, genes humanos incluindo o plano maturativo do nascimento até a morte, as características da cultura, a socialização específica dessa cultura, as características do momento histórico dentro da cultura como normas, estilos de vida, entre outros. E, as características do grupo social ao qual se pertence, tipos de

<sup>122</sup> PESSOA, F. *Poesias Inéditas*. Lisboa: Ática, 1955. (imp. 1990). p. 159.

relação, experiências vivenciadas, os traços e características do indivíduo, incluindo genótipo, idade e contextos individuais do desenvolvimento.<sup>123</sup>

Desta maneira, quando o indivíduo se relaciona, leva consigo todas estas especificidades. Schuback menciona que o encontro com o outro revela o panorama onde o já conhecido, refletido e falado tornam-se estranhos para si mesmo. No encontro, percebe-se no já conhecido, no já refletido e falado, o não conhecido, refletido e falado<sup>124</sup>, ou seja, a convivência cotidiana traz ao conhecimento do indivíduo o estranhamento sobre comportamentos que ele acreditava já perceber do outro, mas que, na verdade, lhe era desconhecido, ou fruto de sua própria projeção, pois a tendência natural nas relações é a projeção de seus desejos no outro.<sup>125</sup>

Gomes e Porchat conferem esta perspectiva argumentando que a projeção é intrínseca à constituição conjugal. A projeção de parte de si próprio no cônjuge faz com que este se torne além de um objeto real, um objeto fantasiado, o que permite a forte idealização no início da relação. Todavia, quando o casal imerge no cotidiano a ‘desidealização’, tem início, existindo possibilidades de saírem dessa condição inicial e estabelecerem a relação de *outrar-se*, percepção e respeito pelas diferenças de cada um.<sup>126</sup>

A respeito da vida conjugal Féres-Carneiro e Ziviani, especulam que existe na conjugalidade dois indivíduos, dois desejos, subjetivas inserções e percepções de mundo, histórias de vida, projetos de vida e identidades que, mediante o relacionamento amoroso, vivenciam a conjugalidade. Isto evidencia que esta relação é norteada pelo desejo do casal em manter uma vida conjugal, constituir um projeto de vida, e por conseguinte, formar uma identidade conjugal. A partir disto, surgem os seguintes questionamentos: Como conseguir ser dois sendo um? E ser um sendo dois?<sup>127</sup> Este conceito deixa explícito a inevitável adaptação pelas quais o casal passa depois do casamento. Seus questionamentos evidenciam o conflito imerso nas duas particularidades. Por que agora é preciso pensar nos dois, não existe mais só o eu, e, sim, o nós, ainda que o outro tenha suas particularidades, vida profissional e outras exigências subjetivas.

Assim, Figueiredo aponta que a proximidade tanto de si como do outro, causa sensação de estranheza e espanto, e, de certa maneira, a forma de lidar com esta situação é

---

<sup>123</sup> COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. (Orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

<sup>124</sup> SCHUBACK, 2011.

<sup>125</sup> SCHUBACK, 2011.

<sup>126</sup> GOMES, B.; PORCHAT, I. *Psicoterapia do casal*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

<sup>127</sup> FÉRES-CARNEIRO, T.; ZIVIANI, C. *Conjugalidade Contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade*. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Casal e família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

negando tal proximidade, deixando longe o estranho e sua diferença.<sup>128</sup> Afinal, como especulam Monteiro et. Al. “o que se ama no outro é a si mesmo, o que se tem horror do outro é de si mesmo. A estranheza causa angústia que gera conflito. O investimento excessivo em si, dificulta a aceitação da diferença, do estranho”<sup>129</sup>, observa-se, nesse momento, os percalços para atingir a alteridade, saber conviver com a diferença do outro, realizar o processo de outramento, permitindo que o outro também o faça, uma inabilidade instalada pelo medo do novo, o desconhecido, o individualismo de considerar que deve se submeter à experiência subjetiva conflituosa.

Isto evidencia, como indaga McGoldrick, que se tornar um casal é uma das experiências mais desafiadoras do ciclo de vida. A conjugalidade exige a renegociação das duas pessoas juntas, de questões que, antes do casamento, eram decididas individualmente, ou de situações definidas pelas famílias de origem, como se alimentar, conversar, dormir, ter relações sexuais, brigar, trabalhar e descansar. Nessa realidade conjugal, o casal deve decidir sobre como usar espaço, tempo, dinheiro, ritos e costumes familiares que serão mantidos e quais se modificarão. Além de renegociar como se darão as relações com os pais, irmãos, amigos e companheiros de trabalho, toda esta discussão implicará na reorganização íntima do casal, na criação de sua identidade, adequada à realidade agora exigida.<sup>130</sup>

Bolze e Crepaldi afirmam que a interação do casal se sustenta no confrontar das percepções diferenciadas de mundo e na aversão de conhecimentos antagônicos. A conjugalidade se debruça em frequentes mudanças transitórias e reformuláveis<sup>131</sup>, desafios fundamentais para a relação a dois, que, na contemporaneidade, pelo ponto de vista de Féres-Carneiro e Ziviani emerge na articulação da individualidade, pois a valorização da liberdade pode ocasionar impasses quando cada um decide importar-se somente consigo.<sup>132</sup> Instigados pela influência do social, cultura capitalista, o casal não somente passa pelas modificações naturais do processo maturacional a dois, mas, por instâncias que o convocam ao extremo narcisismo.

---

<sup>128</sup> FIGUEIREDO, L. (Org.). *O estrangeiro: a questão da alteridade nos processos de subjetivação e o tema do estrangeiro*. São Paulo: Fapesp, 1998.

<sup>129</sup> MONTEIRO, A.; PINHEIRO, A.; GOMES, S.; REGO, V. *O Amor e alteridade na conjugalidade*. Disponível em: <[http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/posteres\\_iv\\_congresso/mesas\\_iv\\_congresso/mr97-alcione-alves-hummel-monteiro-amanda-cristina-serraio-pinheirosandra-helena-gomes-e-vanusa-balieiro-do-rego.pdf](http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/posteres_iv_congresso/mesas_iv_congresso/mr97-alcione-alves-hummel-monteiro-amanda-cristina-serraio-pinheirosandra-helena-gomes-e-vanusa-balieiro-do-rego.pdf)>. Acesso em: 30 abr. 2015.

<sup>130</sup> MCGOLDRINCK, M. *A união das famílias através do casamento: o novo casal*. A. Médicas: Porto Alegre, 1995.

<sup>131</sup> BOLZE, S.; CREPALDI, M. *Relacionamento Conjugal e Táticas de resolução de conflitos entre casais*. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/apsi/v27n114/a06.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

<sup>132</sup> FÉRES-CARNEIRO; ZIVIANI, 2009.

Nessa ótica, Neves, Dias e Paravidini insinuam ser um dos conflitos da sociedade atual a ânsia dos indivíduos no estabelecimento de laços oportunos de sentimentos de segurança e do pertencer. Eles desconfiam das condições as quais deverão permanecer juntos, devido às suas, talvez, indisponibilidades para enfrentar as dificuldades e tensões da vida em comum e, de abrir mão da liberdade individual, de grande valor e apreço na atualidade.<sup>133</sup> É muito cômodo para qualquer indivíduo permanecer em sua zona de conforto, articular-se com situações que ele já conhece e sente-se seguro, qualquer alteração gera conflito, por isso, o casal precisa considerar a alteridade e o processo de outramento como imprescindível para a união, pois como impõem Kennerly e Boas “não basta apenas conhecer o outro, reconhecer e concordar com suas intenções e projetos de vida, mas, é essencial o autoconhecimento.”<sup>134</sup>

### 3.3 O processo de Outramento na relação com o outro

A inevitável interação com o outro promove exoráveis mediações para vida do indivíduo, abrindo possibilidades para o processo de outramento, o outrar-se, tornar-se outro, transformando-se em um novo ser, consequência do ciclo de influências bidirecionais. Uma nova configuração subjetiva ou reconfiguração das particularidades permite maneiras adaptáveis de se relacionar no mundo, apesar da diferença emergente do outro. Há uma transformação nos valores aprendidos que, diante dos do outro, devem ser repensados, não como algo insignificante ou inutilizável, mas como algo potencializador de autoconhecimento, alteridade, adaptação, e amadurecimento individual e relacional, permissor de formas de estar no mundo devido ao constante aprendizado de si, do mundo e do outro.

Diferenciando-se de si através da interação com o outro, o indivíduo percebe as diferenças entre ele e o outro, e é instigado a buscar uma maneira ajustável de relacionar-se com este. Assim, Damasceno especula que:

Compreendendo que a experiência da alteridade é a experiencição do outro como diferente de mim e para afirmar esta diferença eu preciso perceber que há um outro em mim, isto é, não existe um eu, uma consciência, uma razão que governa minhas ações, mas impulsos que desconheço e que a todo instante criam novos eus. Ou seja, eu só afirmo a

<sup>133</sup> NEVES, A.; DIAS, A.; PARAVIDINI, J. A *Psicodinâmica conjugal e a contemporaneidade*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v25n2/v25n2a05.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

<sup>134</sup> KENNERLY, C; BOAS, S. A vivência psicológica do relacionamento conjugal: a posição de Jung. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, n. 10, 2008. Disponível em: <[http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/vnutlZ1YvqHIYOS\\_2013-5-10-16-41-25.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/vnutlZ1YvqHIYOS_2013-5-10-16-41-25.pdf)>. Acesso em: 30 abr. 2015.

diferença, quando experimento a alteridade, isto é, quando abandono a identidade, a crença numa unidade do sujeito, no eu como porta voz de si.<sup>135</sup>

Diante disso, o processo de outramento vinculado à alteridade exige uma doação de si, do reconhecimento e importância do outro nas vivências subjetivas. Schuback faz notar que o outramento implica em admitir a individualidade como eficácia e não como evento, como algo aberto e não fechado em si mesmo, que, portanto, deve ser repensada por meio das transições da vida.<sup>136</sup> Sobre a questão de atentar-se para importância do outro, Bittar argumenta que esta deve partir da forma de pensar, agir e ponderar o outro como estranho, ausente nas ações do mim, porém considerado um ser independente, constituído em situações próprias e únicas, e, por isso, sua subjetividade deve ser tão válida quanto a do indivíduo. Aceitar a diversidade do outro auxilia na relação amorosa, no exercício de entrega e de comodidade no outro enquanto ser diferente.<sup>137</sup>

Beck sustenta que, no início da vida conjugal, o casal é entorpecido pela ideia de amor e romantismo, centrando suas expectativas em um casamento bem sucedido. Algumas vezes, creem que sua relação é diferente e que o amor e otimismo serão o suficiente para manter a conjugalidade. Contudo, acabam se deparando com suas inabilidades para enfrentar os conflitos cotidianos e tomam consciência de suas frustrações sem saber, muitas vezes, onde se originou o conflito.<sup>138</sup> De acordo com Neto-Souza, os primeiros anos do casamento são norteados pela adaptação. O casal se apresenta com experiências diferentes e percepções de mundo tão subjetivas quanto estas experiências, o que deve propiciar um profundo vínculo amoroso que inicialmente será difícil e futuramente poderá gerar grandes problemas.<sup>139</sup>

Cônjuges descobrirão os prazeres e dificuldades da vida a dois, em um período de adaptação que pode perdurar a vida inteira e dependerá da criatividade do casal para vivenciar tal período. Se cada um mantiver uma postura individualista, como se ainda vivenciasse a vida de solteiro o casal enfrentará sérias dificuldades. Então, ambos precisam buscar um terceiro indivíduo, uma terceira personalidade para o casal que possam identificar as decisões e bem estar deste. Diante disso, a não adaptação pode originar crises conjugais, que também podem ser fundamentais para o amadurecimento pessoal, caso os dois procurem resolver os

---

<sup>135</sup> DAMASCENO, L. FRONTEIRAS: Memória, Corpo e Alteridade. *Revista Ártemis*, v. 8, 2008. p. 20. Disponível em: <<http://www.okara.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/2303/2025>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

<sup>136</sup> SCHUBACK, 2011.

<sup>137</sup> BITTAR, Eduardo. *Reconhecimento e direito à diferença: teoria crítica, diversidade e a cultura dos direitos humanos*. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo*. v. 104, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67869/70477>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

<sup>138</sup> BECK, A. *Para além do amor*. Rio de Janeiro: Record Rosa dos tempo, 1995.

<sup>139</sup> NETO-SOUZA, 2003.

problemas que inevitavelmente surgirão, mantendo laços emocionais, ao invés de viver superficialmente a imagem do casal ideal que aparenta estar bem, quando, na verdade, utilizou-se de mecanismo para encobrir os problemas.<sup>140</sup>

Por outro lado, estas crises ou desentendimentos podem promover o amadurecimento conjugal. A questão é atentar para o fato de que cada um tem suas diferenças, singularidades, que precisam ser respeitadas, que o ser humano pode até querer viver sozinho, mas ele inevitavelmente necessita do outro. E, apesar de já se ter consciência destas peculiaridades, dificilmente se aceita o outro do jeito que ele é, com suas manias, qualidades e defeitos, principalmente, se as diferenças do outro não forem de acordo com as particularidades do indivíduo. Ou seja, o que determina a eficácia do casamento e amadurecimento do casal não é a ausência de problemas, mas a capacidade e disponibilidade do casal para enfrentar e resolver as dificuldades cotidianas.<sup>141</sup>

As crises, conflitos, desentendimentos, possibilitam, portanto, crescimento e maturidade, estes são realidade na vida conjugal, pelo fato de duas pessoas diferentes estarem juntas para constituir uma nova família. Assim, pensamentos, ações e atitudes devem ser adaptados ao status conjugal, o que pode originar conflitos, que não deve impossibilitar a harmonia conjugal, mas, sim, permitir o amadurecimento e a adaptabilidade.<sup>142</sup> Scribel, Sana e Benedetto fazem notar que a relação conjugal como exemplar de intimidade adulta, envolve expectativas de satisfação de necessidades antigas, proveniente de relações iniciais, guardadas no decorrer dos anos, que ressurgem como uma esperança na interação com o parceiro. Esta questão traduz a complexidade do casamento, o fato das pessoas conferirem ao outro capacidade para satisfazer suas necessidades antigas, em certos casos, incongruentes.<sup>143</sup>

Ao referir-se a tal assunto, Calais, Andrade e Lipp dizem que homens e mulheres se confrontam no convívio diário, percebendo o que distancia a relação idealizada e a vivenciada. Para alguns casais, esse embate com a realidade origina grande frustração, o que pode precipitar uma busca pela realização de novas aspirações experienciadas através de aventuras extraconjugais. No entanto, para outros, isso pode proporcionar aprendizado para a relação.<sup>144</sup> Este aprendizado será também importante para o outramento, na medida em que conduz ao autoconhecimento e a possível maturidade relacional, pois o indivíduo ao deparar-

---

<sup>140</sup> NETO-SOUZA, 2003.

<sup>141</sup> NETO-SOUZA, 2003.

<sup>142</sup> NETO-SOUZA, 2003.

<sup>143</sup> SCRIBEL, M.; SANA, M.; BENEDETTO, A. Os esquemas na estruturação do vínculo conjugal. *Revista brasileira de terapias cognitivas*, v. 3, n. 3, 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v3n2/v3n2a04.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

<sup>144</sup> CALAIS, S.; ANDRADE, L.; LIPP, M. *Os esquemas na estruturação do vínculo conjugal*. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v3n2/v3n2a04.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

se com frustrações pode compreender que ninguém está nesse mundo para viver submetido a seus anseios e vontades. Todas essas experiências produzirão uma reorganização de seus valores, diante de sua precipitação, a subjetividade e diferença do outro.

A despeito disso, Scribel, Sana e Benedetto afirmam que o ser humano é norteado por lutas internas de necessidades, desejos e sentimentos dolorosos, entretanto, igualmente, dispõe de uma diversidade de mecanismos de autoproteção, que são maneiras específicas utilizadas para lidar com estas experiências dolorosas despertadas por outra pessoa. A edificação de estratégias autoprotetoras está ligada à forma como a pessoa vai lidar com o cuidado e proteção, bases para o estruturar da personalidade, influentes nos tipos de relacionamento na vida adulta.<sup>145</sup> Desse modo, como finaliza Aboim, o indivíduo está constantemente dividido entre as exigências do eu e do nós, em um processo complementar, posto que a própria identidade demanda uma alteridade, articulação fundamental para interagir afetivamente, e, submerso também às indulgências de tensões e conflitos, na medida em que seus objetivos e os dos outros podem vir a ser incompatíveis por qualquer razão.<sup>146</sup>

### **3.4 Como minimizar o estranhamento e aperfeiçoar o outramento**

“Assim que se olharam, amaram-se; assim que se amaram, suspiraram; assim que suspiraram, perguntaram-se um ao outro o motivo; assim que descobriram o motivo, procuraram o remédio”. Este é um dos famosos poemas de William Skakespeare que traduz a dramaticidade da relação, o intenso envolvimento e o urgente desembocar da empatia. Desta maneira, a dificuldade de relacionar-se com o outro é sempre alarmante para a subjetividade do indivíduo, requerendo disponibilidade para aceitar as diferenças do processo interacional. É nessa instigante e desafiadora realidade que ele precisa descobrir maneiras de prover relações adaptáveis com o outro e consigo, questões que possibilitarão o aprimoramento da diferenciação de si, o outramento.

Para Gabel, a vida conjugal demanda contínua troca e comprometimento, cada cônjuge deverá reorganizar-se, transformando-se por meio do ajustamento de valores e objetivos que facilitem o convívio no lar. Com o tempo, o casal vive situações novas, e, conseqüentemente, as funções e papéis devem ser alteradas e reaprendidas para o alcance do necessário equilíbrio entre a conjugalidade e a individualidade.<sup>147</sup> Dessa forma, objetivando minimizar o estranhamento, Wendlind afirma que o casal deverá reiniciar o casamento

---

<sup>145</sup> SCRIBEL; SANA; BENEDETTO, 2007, p. 147.

<sup>146</sup> ABOIM, 2015.

<sup>147</sup> GABEL, C. O Casal: um estudo sobre o grupo. *Revista Pensando Famílias*. Porto Alegre, v. 12, n. 1, 2008.

quantas vezes forem necessárias como uma forma essencial de renovação e fortalecimento da relação, permitindo seu crescimento e a saída da rotina, o que proporcionará o crescimento do afeto e o desejo de ficarem juntos enfrentando todas as crises ou conflitos.<sup>148</sup>

Um fator essencial que influencia diretamente na relação conjugal, segundo Sardinha, Falcone e Oliveira, é a empatia.<sup>149</sup> Esta é definida por Stratton e Hayes como:

Um sentimento de compreensão e unidade emocional com alguém, de modo que uma emoção sentida por uma pessoa é vivenciada em alguma medida por outra que se empatiza com ela. A empatia é algumas vezes empregada na indicação do grau de capacidade de um indivíduo para ser empático com os outros.<sup>150</sup>

Neste sentido, quando o cônjuge procura olhar os fatos pelo ponto de vista do outro, vários atritos podem ser evitados, e a resolução dos problemas de interação são mais fáceis de lidar. A satisfação de ser compreendido, abrigado e legalizado pelo cônjuge empático causa aceitação e valorização, levando o regozijar do indivíduo com o casamento. É possível que o indivíduo que empatiza sinta também esta satisfação conjugal. E, quando ele consegue expressar seus sentimentos adequadamente, sente alívio e felicidade por provocar bem estar ao seu cônjuge. Por isso, é importante dizer que a empatia e a expressão de sentimentos do cônjuge influenciam na satisfação conjugal.<sup>151</sup>

É válido frisar que a comunicação no casamento também é fundamental para o estabelecimento da empatia e da satisfação do casal, afinal dois indivíduos passam a interagir de forma íntima e constante, e isso leva ao fluxo de encontros e desencontros nas informações. Assim, a ocupação do mesmo ambiente físico impele o casal a comunicar-se, discutir diferenças e tratar de assuntos referentes a relação. Logo, a comunicação é determinante para resolução dos problemas conjugais.<sup>152</sup> Ela é a expressão particular de duas subjetividades em prol da união conjugal e da compreensão das necessidades e dos anseios do outro frente às diferenças.

Além disso, envolvimento nas transformações oriundas do social que o influenciam diretamente, o casal precisa se adequar aos novos papéis desempenhados e exigidos pelo meio ao qual estão inseridos. Homens e mulheres desenvolvem diferentes funções em constante

---

<sup>148</sup> WENDLING, M. O casamento na contemporaneidade: construindo espaços para eu e o nós na relação. *Pensando famílias*, Porto Alegre, v. 11, n.1, 2007.

<sup>149</sup> SARDINHA, A; FALCONE, E.; FERREIRA, M. As relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais percebidas no cônjuge. *Revista Psicologia Teoria e Pesquisa*, v. 25, n. 3, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n3/a13v25n3>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

<sup>150</sup> STRATTON, P.; HAYES, N. *Dicionário de psicologia*. Tradução de Esméria Rovai. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. p. 81.

<sup>151</sup> SARDINHA, A; FALCONE, E.; FERREIRA, M. 2009.

<sup>152</sup> FIGUEIREDO, 2015.

rapidez, frutos das especificidades da sociedade de consumo e dos movimentos sociais. Nesse sentido, a inserção da mulher no mercado de trabalho trouxe profundas mudanças para a vivência do casal, essa diferença, agora instalada, ordena novo ajuste à conjugalidade.

Ao referir-se a tal assunto, Wendt argumenta que a mulher, na tentativa agitada de conseguir dar conta de todas as tarefas que lhe são cogitadas, acaba esquecendo-se de si e de suas singularidades. Nessa dedicação a conquistar novas aquisições, fica sem saber o que buscar, não atentando para seus reais desejos, até porque esses são difíceis de identificar. Eis uma complexa questão, por que, mesmo estando influenciada por tudo isso, a mulher deve ter a possibilidade de singularizar-se, tornar-se outra e continuar sendo a mesma. A permissão do singularizar é árdua e inquietante, por não estar atrelada a regras e ser restrita ao si, mim e me. Singularizar-se é o oposto da diferenciação, onde a variedade é utilizada a seu favor, com fins de produzir heterogeneidades e desvios para o caminho do indivíduo.<sup>153</sup>

Ao mesmo tempo em que há essa oposição entre a singularização e a diferenciação, há, também, a relevância desses dois processos para a minimização do estranhamento com o outro. Assim, outro aspecto, levantado por Wendt, é que o outramento diz respeito às transformações permitidas pela vida, às probabilidades de ‘estar’ outro, sem ser o outro, haja vista que a transformação, o devir, só produz a si próprio. Encontrar com o outro, vivenciar possíveis saídas dessa relação e aprender algo novo a partir disso, traduz-se no processo de vir a ser outro, sem perde-se de si mesmo.<sup>154</sup>

Tudo isso, deve resultar também na chamada autoconsciência e auto-observação, termos visto por Goleman como sendo o primeiro, “a consciência de nossos sentimentos no momento exato em que eles ocorrem, a pedra de toque da inteligência emocional” e, o segundo, como um permissor da “consciência equânime de sentimentos arrebatados ou turbulentos”.<sup>155</sup> Essas questões são fundamentais para empatia e traduzem a máxima enunciada na poesia de Fernando Pessoa, “enquanto não atravessarmos a dor de nossa própria solidão, continuaremos a nos buscar em outras metades. Para viver a dois, antes, é necessário ser um.”<sup>156</sup>

Ser um, requer a percepção de si mesmo, e traduz a concepção de que a empatia é nutrida pelo autoconhecimento, quanto mais consciência o indivíduo tiver de suas emoções, mais fácil ele entenderá os sentimentos do outro. É importante sempre que o casal discuta os

<sup>153</sup> WENDT, Bruna. *As (multi)mulheres das crônicas de Martha Medeiros: a vontade de tudo na contemporaneidade*. 2012. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/402/1/BrunaWendt.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

<sup>154</sup> WENDT, 2012, p. 38

<sup>155</sup> GOLEMAN, 2007, p. 70-71.

<sup>156</sup> PESSOA, 1955. (imp. 1990).

pontos sensíveis de sua relação e cheguem a um comum acordo de como discordar para garantir a efetividade da relação.<sup>157</sup> Desse modo, repensar a relação conjugal por outra visão, como laço estabelecido por sujeitos desejan-tes, implica a busca frequente pelo reconhecimento do outro, e a expectativa de que cada um reafirme a imagem que tem de si mesmo. E, para que o cônjuge tolere as particularidades do outro, é necessário que haja a limitação do narcisismo do parceiro. A relação conjugal só tem a ganhar quando a interação entre o casal se torna um espaço de articulação das diferenças, permitindo uma discussão contínua de seu equilíbrio.<sup>158</sup>

Nesse sentido, ao desejo regressivo de se perder no outro, contrapõe-se um movimento progressivo, que impulsiona o sujeito no sentido de manter sua subjetividade.<sup>159</sup> Ou seja, mesmo sendo influenciado pela relação que estabelece com outro, e atento, em aceitação, ou em conflito com as suas diferenças, a alteridade, o autoconhecimento, a autoconsciência, empatia e individualidade, o indivíduo mantém a sua subjetividade em uma constante que impõe a ele fazer a diferenciação de si, o outramento, para habituar-se a possíveis relações.

Destarte, a empatia minimiza o estranhamento com o outro, porque conduz a percepção de que existe um alguém diferente do eu, mas que é único e essencial para o estabelecimento da relação. Trata-se além de induzir ao aperfeiçoamento do outramento, ser o eu e o outro, em um estado perceptivo de que se deve dedicar ao outro as mesmas coisas que o eu gostaria de receber para o si. Em outras palavras, querer para si e para o outro o mesmo bem estar. Isto requer uma mudança fundamental e necessária construída pelo exercício de pensar a respeito de si, captando a diferença como algo possível de habituar-se, afinal, o *outrar-se* contempla o cuidar da vida do outro e de si mesmo. Ação induzida pela relacionalidade de refletir sobre o encontro com aquele que é diferente e possui diferenças, que convergem com as escolhas do indivíduo, mas, além disso atribuem a ele a sua unicidade.

---

<sup>157</sup> GOLEMAN, 2007.

<sup>158</sup> ALVARENGA, Lídia. *Uma leitura psicanalítica do laço conjugal*. 1996. Disponível em: <<http://www.infocien.org/Interface/Colets/v01n01a05.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

<sup>159</sup> ALVARENGA, 1996.



## CONCLUSÃO

*Outrar-se*. Ser o outro, um outro diferente de sua própria essência, com unicidade inerente ao desdobrar do meio constitucional, passível de encontrar-se no outro, um espelho emanador de incertezas, base para a sociabilidade do existir. Relacionar-se. Encontrar-se no outramento, quem é o eu? Quem é você? Quem é o nós? Qual a essência e a necessidade de existir o nós?

Casar-se, perceber que além das diferenças, a empatia e o pensar em conjunto determina o querer estar junto, o futuro da relação. Amar. Ter conhecimento de si para estar, então, disponível para conhecer o outro, *outrar-se*. É na interação entre o amor e o *outrar-se* que o indivíduo aprende a lidar com as vicissitudes de estar com o outro, onde o eu e tu contemplam o nós, e o nós as especificidades de cada eu.

Dessa maneira, o *outrar-se*, heteronímia de Fernando Pessoa, apresenta-se na conjugalidade, no nós, como um fenômeno imprescindível para a relação, principalmente no que tange ao início da vida conjugal, período em que ocorre a adaptação dos cônjuges às exigências do cotidiano a dois. O estranhamento com o outro e a percepção da possível projeção que acomete - tornando a relação anterior ao casamento uma fantasia desejável de complementaridade e posterior de frustração - traduz a ideia de Pessoa de que nunca se ama ninguém. Ama-se, apenas, a ideia que se faz de alguém. Isso porque ama-se a si mesmo.<sup>160</sup> Assim, projeta-se no outro o desejo do eu, e no início do vínculo conjugal os indivíduos se deparam com o outro real, considerando-o como desconhecido.

Esse processo não demanda um tipo de incapacidade para amar, apesar da projeção de si, mas a necessidade de se colocar no lugar do outro, o ser amado, idealizado por ter particularidades desejáveis, diferente, e fonte de construções futuras. Questão complexa, pela condição humana de existir, e se analisada do ponto de vista psicológico, institui a urgência de ter o outro. Afinal, paixão e amor são condições para o desejo de uma vida a dois. E, no ápice da paixão o indivíduo encantado tem como concretude urgente viver o amor, manter infinitamente a sensação de bem estar.

Durante a dissertação, foi aprendido que o prazer e a satisfação são frutos entorpecidos pelos hormônios naturais, ditando a inexistência longe do ser amado, e observância apenas de suas qualidades. E é nessa linha de prazer, satisfação e pertencer, que a necessidade de estabelecer uma relação estável é nutrida, além de ser propícia ao surgimento

---

<sup>160</sup> PESSOA, 1990.

do companheirismo, quando a emergência do estar demasiadamente apaixonado não é mais tão expressivo.

Entretanto, para a compreensão da conjugalidade, salientamos na pesquisa que é importante explicitar a fenomenologia psicológica do amor, prerrogativa inerente à constituição do sujeito, haja vista que as relações amorosas são reflexos das relações com os pais, objetos primários de identificação. É somente com a elaboração das perdas dos objetos infantis e o investimento em outro objeto amoroso que a subjetividade do indivíduo passa a ser constituída.

Trouxemos a perspectiva psicanalítica que enumera a necessária elaboração das fases de constituição do sujeito, a identificação que ele deve estabelecer com esse outro para também encontrar-se enquanto ser. Então, a ânsia de amar e ser amado é o que norteia a conduta do sujeito excluindo a ideia de bastar a si mesmo. O outro define a especificidade subjetiva, moldando sua personalidade de acordo com a condição que ele venha a se apresentar. Sendo o outro então fundamental para a constituição enquanto ser interacional, é na dependência das relações que o indivíduo compreende que é continuamente ser desejante, e mediante este fator leva uma gama de experiências inferentes para a conjugalidade.

Nos estudos feitos, notou-se que com a formação do vínculo conjugal, os recém casados trazem para a convivência valores, crenças, costumes, comportamentos peculiares de sua família de origem, exigindo acomodação ou adaptação para que assim haja o re-significado do que foi aprendido, possibilitando a criação da identidade conjugal, necessária para as exigências da convivência diária. Diante do que foi encontrado na literatura, é válido frisar que a importância do casal buscar um lar longe dos familiares é tarefa fundamental e propicia a esta identidade, pois a distância favorecerá a adaptação individual e conjunta.

Além disso, vimos também que a estabilidade no início da vida conjugal deve se fixar nos parâmetros sociais, físicos, emocionais, intelectuais e espirituais, fatores estes que circundam a conjugalidade. O casal não apenas irá interagir entre si, como também precisa estabelecer contato com os outros, adquirir funções e responsabilidades. Surgem as chamadas demandas do lar, profissionais, sociais e amorosas. E cada um destes implicará no tempo que eles dedicarão para desempenhar suas atribuições individuais e, principalmente, as do casal, independente das diferenças.

A junção de vários fatores, tratados no decorrer deste trabalho, tentou responder a perguntas aceitas do propósito de unir-se a um ser completamente diferente de si, acerca da necessidade de sentir-se amado, constituir-se enquanto ser social. Também investigou o que é

necessário para que a conjugalidade permaneça. Para responder, foi preciso investigar diferentes dimensões:

Em termos teológicos, é válido frisar que sendo a conjugalidade o encontro de dois seres criados pelo amor de Deus, alude-se à transcendência ao Divino que fundamenta a união de dois indivíduos em um só existir. Perspectivas observadas nos textos bíblicos, onde se percebe admiração, autodoação, entrega mútua, contemplação a beleza física, o amor como essência do indivíduo, a interação que minimiza as diferenças e a individualidade, e a dedicação intensa ao outro, que reflete na dedicação a si mesmo, o amor, por assim definir-se, representa o contato com o divino. “Amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo o que ama é nascido de Deus e conhece a Deus, porque Deus é amor” (Jo 4. 7-8).

Entende-se então que a dedicação mútua é notável, embasa o outrar-se, pois há a necessidade de ter em vista o que é seu e do outro, sabendo fazer a diferenciação. Assim, como afirma Efésios sobre os cônjuges, “o que importa é que cada um de vós ame a sua mulher como a si mesmo, e a mulher respeite o seu marido” (Ef 5.33). Transformar-se em um outro, preservando sua essência enquanto ser único, que também se conhece ao ter como reflexo o contato com o outro, nas dificuldades e privilégios cotidianos do casal. Até porque não existe apenas um eu, ou simplesmente o tu, mas um nós, que sendo passíveis do encontro e transcender divino, reconhecem-se no processo de adaptação e amar supremo. Então, tementes a Deus “já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.28).

Sendo um só em Cristo, os cônjuges devem buscar no outrar-se a minimização do estranhamento com a diferença, demasiadamente observada no início da vida conjugal. E notou-se ser uma questão árdua considerando que o encontro com o outro resulta em frustrações, anseios, dúvidas, incertezas, e a simples percepção de que marido ou mulher não existem apenas para atender suas necessidades, pode trazer sérios conflitos para a relação. No entanto, dependendo da habilidade do casal para lidar com estes aspectos e sua própria individualidade, é provável que a vivência dessas peculiaridades permita a estabilidade do amadurecimento conjugal.

Em termos psicológicos, diante da pesquisa feita, destacou-se no casamento a busca por satisfação recorrente do amadurecimento e da disponibilidade de lidar com as diferenças em posição de igualdade. Por isso, cooperação, troca mútua, e companheirismo são indispensáveis, e a comunicação torna o equilíbrio conjugal realidade possível, mas esta somente é enfática se ambos estiverem disponível para dialogar e ouvir sobre diferenças, dificuldades ou conflitos. E como resultado desse processo o conhecimento de si e do outro

são visíveis, por que a capacidade de expressar receios, desejos e vontades, permite que o casal perceba as limitações um do outro.

E, para isso, não basta pensar somente no que poderá auxiliar nas vicissitudes conjuga, mas, por em pratica os desejos de cada um. Logo, não há diferença que sobreponha o querer estar junto, se este for o objetivo do casal, não há dificuldades que não possa ser superada em comunhão e não há unicidade que não possa ser construtora de dualidade. Empatia, amor, alteridade, companheirismo e querer são atribuições do casamento, e o *outrar-se* é condição para existência do casal.

Deste modo, conclui-se que o *outrar-se* é um fator essencial para a conjugalidade e também uma condição para demandas referentes a esta temática, e pode ser utilizado como apaziguador em conflitos conjugais. Ser um outro diferente não significa ser inferior ou superior, mas sim levar em consideração as necessidades que angustiam o outro, que por conseguinte, angustiarão a si próprio, afinal o casal existe. O fenômeno do *outrar-se* desemboca na percepção de que o outro também é um ser desejante. E o outramento é vinculado à alteridade e que exige uma doação de si, do reconhecimento e importância do outro nas vivências subjetivas do casal.

O estudo do *outrar-se* pode contribuir em muito para a prevenção de conflitos conjugais. Na atualidade é visível que muitos casais buscam atendimentos psicológicos e aconselhamentos pastorais por não saberem lidar com as demandas do casamento, questão condutora de separações. A utilização do conhecimento a respeito do fenômeno do *outrar-se* no cuidado do casal pode fazer com que os cônjuges se conheçam e encontrem subsídios para melhorar a relação.

Em relação a tudo que foi visto, a utilização do *outrar-se* como propulsor de satisfação no início da vida conjugal, permite a conclusão de que este fenômeno pode ser fundamento também na relação entre pais e filhos e demais ambientes sociais. Não deixando de enfatizar que se o *outrar-se* for aprendido durante a constituição do sujeito, estes naturalmente levarão para as futuras relações esse comportamento. Um processo que pode auxiliar a interação humana, que aos poucos vem se perdendo devido os avanços tecnológicos e impactos do sistema capitalista, indutores do individualismo e de dificuldades para a capacidade de amar. Portanto, mais do que nunca o fenômeno do *outrar-se* merece ser investigado e aplicado nas diferentes relações. Esperamos ter contribuído para tal condição. Já dizia o poeta Vinicius de Moraes...

Para viver um grande amor é muito, muito importante viver sempre junto e até ser, se possível, um só defunto — pra não morrer de dor. É preciso um cuidado permanente não só com o corpo mas também com a mente, pois qualquer "baixo" seu, a amada sente — e esfria um pouco o amor. Há que ser bem cortês sem cortesia; doce e conciliador sem covardia; saber ganhar dinheiro com poesia — para viver um grande amor.<sup>161</sup>

---

<sup>161</sup> MORAES, Vinicius. *Para Viver Um Grande Amor*. Disponível em: <[http://www.releituras.com/viniciusm\\_grandeamor.asp](http://www.releituras.com/viniciusm_grandeamor.asp)> . Acesso em: 25 nov. 2015.



## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. Tradução: Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990.

ABOIM, Sofia. *Emoções e rotinas: a construção da autonomia na vida conjugal*. Disponível em: <[http://www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR4628d1ab9eb22\\_1.pdf](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628d1ab9eb22_1.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2015.

ALVARENGA, Lídia. *Uma leitura psicanalítica do laço conjugal*. 1996. Disponível em: <<http://www.infocien.org/Interface/Colets/v01n01a05.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

AMORIM, Karla. *O cuidado de si para o cuidado do outro*. Disponível em: <<http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/155557/a09.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2015.

ANDRADE, Darlene. “*Prefiro a minha liberdade*”: falas sobre estar solteiro(a) em Salvador. Disponível em: <<http://www.abrapso.org.br>>. Acesso em: 01 mar. 2015.

ANTON, Iara L. Camaratta. *A Escolha do cônjuge um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. Porto Alegre: Artmed, 2012.

ARAÚJO, Maria. A difícil arte da convivência conjugal: a dialética do amor e da violência. FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (Org.). In: *Família e Casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005.

BALANCIN, Euclides Martins; STONIOLO, Ivo. *Como ler o cântico dos cânticos. O amor é uma faísca de Deus*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

BALDI, Fernanda. *Casamento e Conjugalidade*. Disponível em: <<http://nassistemico.blogspot.com.br/2011/08/casamento-e-conjugalidade.html>>. Acesso: 04 mar. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BECK, A. *Para além do amor*. Rio de Janeiro: Record Rosa dos tempo, 1995.

BEE, Hellen. *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BERGER, Kathleen. *O Desenvolvimento da Pessoa: da infância à terceira idade*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

BITTAR, Eduardo. *Reconhecimento e direito à diferença: teoria crítica, diversidade e a cultura dos direitos humanos*. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo*. v. 104, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67869/70477>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

BOFF, Leonardo. Justiça e cuidado: opostos ou complementares? In: PEREIRA, Tânia; OLIVEIRA, Guilherme (Orgs.). *O cuidado como valor jurídico*. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

\_\_\_\_\_. *Saber cuidar: ética do humano*. Disponível em: <<http://www.smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Ambienta/SABER%20CUIDAR-%C3%A9tica%20do%20humano.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2015.

BOLZE, S.; CREPALDI, M. *Relacionamento Conjugal e Táticas de resolução de conflitos entre casais*. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/apsi/v27n114/a06.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

BOWLBY, J. *Apego. A natureza do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, Volume 1, 2009.

BRANDÃO, Helena. *Introdução à análise do Discurso*. Campinas: Unicamp, 1991.

BRAUNSTEIN, Helio Roberto. *Ética do cuidado: das instituições de cuidado e pseudo cuidado*. 2012. 216 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia - USP. 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-21082012-160819/pt-br.php>>. Acesso em: 13 out. 2015.

BRAZ, Ana Lúcia. *Reflexões sobre as origens do amor no ser humano*. Disponível em: <<http://psicolatina.org/Cinco/amor.html>>. Acesso em 05 mar. 2013.

CALAIS, S.; ANDRADE, L.; LIPP, M. *Os esquemas na estruturação do vínculo conjugal*. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v3n2/v3n2a04.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

CAMÕES, Luís. *Obras Completas*. São Paulo: Nova Aguilar, 1988.

CANDEIAS, Maria. *A importância das relações amorosas nas nossas vidas*. Disponível em: <[http://vidaadois-terapiadecasal.blogspot.com.br/2012/09/a-importancia-das-relacoes-amorosas-nas\\_28.html](http://vidaadois-terapiadecasal.blogspot.com.br/2012/09/a-importancia-das-relacoes-amorosas-nas_28.html)>. Acesso em: 15 maio. 2014.

CARNEIRO, Terezinha. *Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade I*. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso: 07 abr. 2015.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. (Orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

COSTA, Gley P. *Conflitos da vida real*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COUTO, Mia. *Raiz de orvalho e outros poemas*. Lisboa: Caminho, 1999.

DA SILVA, Ailton Amélio. *Relacionamento Amoroso: como encontrar sua parte ideal e cuidar dela*. São Paulo: Publifolha, 2009.

DAMASCENO, L. FRONTEIRAS: Memória, Corpo e Alteridade. *Revista Ártemis*, v. 8, 2008. p. 20. Disponível em:

<<http://www.okara.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/2303/2025>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

DELAHAIE-POUDEROU, Patricia. *Amores que nos fazem mal*. Trad. Adriana de Oliveira e Paola Morsello. 2. ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

DINIZ, Gláucia. *Casal e Família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia*. Terezinha Féres-Carneiro (Org.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 16.

DOMINIAN, Jack. *Casamento, fé e amor*. Trad. José de Sá Pórto. São Paulo: Loyola, 1988.

ESPERANDIO, Mary. *A capacidade de outrar-se – diferenças como desafio para a prática do cuidado e aconselhamento pastoral*. Pistis Prax, Curitiba, v.3, n.2, 2011. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

FÉRES-CARNEIRO, T.; ZIVIANI, C. Conjugalidade Contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Casal e família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. *Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade*. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&tl](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&tl)>. Acesso em: 10 set. 2015.

FIGUEIREDO, L. (Org.). *O estrangeiro: a questão da alteridade nos processos de subjetivação e o tema do estrangeiro*. São Paulo: Fapesp, 1998.

FIGUEIREDO, Patrícia. *A influência do locus de controle conjugal, das habilidades sociais conjugais e da comunicação conjugal na satisfação com o casamento*. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v6n1/v6a14.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2015.

FREUD, S. *A dissolução do complexo de Édipo*. Obras completas, ESB., v. 19, Rio de Janeiro: Imago, 1924-1980.

\_\_\_\_\_. *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. Obras completas, ESB., v. 19, Rio de Janeiro: Imago, 1925-1980.

\_\_\_\_\_. *O ego e o id*. Obras completas, ESB., v. 19, Rio de Janeiro: Imago, 1923-1980.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização*. Obras completas, v. 7, Rio de Janeiro: Imago, 1930-1980.

\_\_\_\_\_. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Obras completas, ESB, v. 7, Rio de Janeiro: Imago, 1905-1980.

FROMM, E. *A arte de Amar*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1966.

GABEL, C. O Casal: um estudo sobre o grupo. *Revista Pensando Famílias*. Porto Alegre, v. 12, n. 1, 2008.

GIKOVATE, Flavio. *Amor nos anos 80*. São Paulo: MG Editores, 1984.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

GOMES, B.; PORCHAT, I. *Psicoterapia do casal*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

GOMES, Bruna; TEODORO, Maycoln. *A teoria triangular do amor de Sternberg e o modelo dos cinco grandes fatores*. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712011000100011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712011000100011&script=sci_arttext)>. Acesso: 04 abr. 2015.

GOTTMAN, J.; SILVER, N. *Os 7 princípios do casamento*. Cascais: Pergaminho, 2001.

HERMENTO, Clara; MARTINS, Ana. *O livro da Psicologia*. São Paulo: Globo, 2012.

HERNANDEZ, José. *Os componentes do Amor e Satisfação*. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n1/v23n1a09.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2014. p. 60.

KENNERLY, C; BOAS, S. A vivência psicológica do relacionamento conjugal: a posição de Jung. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, n. 10, 2008. Disponível em: <[http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/vnutlZ1YvqHIYOS\\_2013-5-10-16-41-25.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/vnutlZ1YvqHIYOS_2013-5-10-16-41-25.pdf)>. Acesso em: 30 abr. 2015.

LOPES, J. *O amor na Perspectiva Filosófica-Teológica*. 2010. Disponível em: <<https://jblopes2010.wordpress.com/2010/04/15/o-amor-na-perspectiva-filosofico-teologica-parte-1/>>. Acesso em: 04 set. 2015.

MATARAZZO, Maria Helena. *Amar é Preciso: os caminhos para uma vida a dois*. São Paulo: Gente, 1992. P.32

MCGOLDRINCK, M. *A união das famílias através do casamento: o novo casal*. A. Médicas: Porto Alegre, 1995.

MINICUCCI, Agostinho. *Relações humanas: psicologia das relações interpessoais*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MONTEIRO, A.; PINHEIRO, A.; GOMES, S.; REGO, V. *O Amor e alteridade na conjugalidade*. Disponível em: <[http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/posteres\\_iv\\_congresso/mesas\\_iv\\_congresso/mr97-alcione-alves-hummel-monteiro-amanda-cristina-serrao-pinheirosandra-helena-gomes-e-vanusa-balieiro-do-rego.pdf](http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/posteres_iv_congresso/mesas_iv_congresso/mr97-alcione-alves-hummel-monteiro-amanda-cristina-serrao-pinheirosandra-helena-gomes-e-vanusa-balieiro-do-rego.pdf)>. Acesso em: 30 abr. 2015.

MORAES, Vinicius de. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Editora a Noite, 1960.

\_\_\_\_\_. *Para Viver Um Grande Amor*. Disponível em: <[http://www.releituras.com/viniciusm\\_grandeamor.asp](http://www.releituras.com/viniciusm_grandeamor.asp)>. Acesso em: 25 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. *Soneto de Fidelidade*. Disponível em: <[http://www.releituras.com/viniciusm\\_fidelidade.asp](http://www.releituras.com/viniciusm_fidelidade.asp)>. Acessado em: 23 ago. 2015.

MOSMANN, Clarisse; WAGNER, Adriana. *Qualidade conjugal: mapeando conceitos*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n35/v16n35a03.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2015.

NARCISO, Isabel; COSTA, Maria. *Amores Satisfeitos, mas não Perfeitos*. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/15550/2/84570.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2015.

NETO-SOUZA, Cíntia. *O Comportamento Emocional na Crise Conjugal*. 2003. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/3/CINTIA%20SOUZA%20NETO.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

NEVES, A.; DIAS, A.; PARAVIDINI, J. A *Psicodinâmica conjugal e a contemporaneidade*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v25n2/v25n2a05.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

NEVES, Ana. *As mulheres e os discursos generalizados sobre o amor a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”?* Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n3/a06v15n3.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2015.

OLIVEIRA, Gilmar. *Escolhas narcísicas de objeto e relações amorosas na atualidade*. Disponível em: <[http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=158](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=158)>. Acesso em: 10 abr. 2013.

PAIVA, Maria. *As interfaces na constituição do vínculo conjugal*. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v10n2/v10n2a09.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2015.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento Humano*. Tradução: Carla Filomena Marques Pinto Vercesi [et al.] 10. ed. Porto Alegre: AMGH, 2010.

PARRELLA, Frederick J. *Paul Tillich e o corpo*. Trad. Jaci Maraschin. 2004. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/download/1765/1751>>. Acesso em: 09 set. 2015.

PEREIRA, Isabel. *Como se explica o amor?*. Disponível em: [http://www.ciencia20.up.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=75](http://www.ciencia20.up.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=75) Acesso em: 25 fev. 2015.

PESSOA, F. *Poesias Inéditas*. Lisboa: Ática, 1955. (imp. 1990).

PIKAZA, Xavier, SILANES, Nereo. *Dicionário teológico o Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988.

PINCUS, Lily; DARE, Christopher. *Psicodinâmica da Família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

PREGNOLATO, Mariuza. *Vida a dois- Um breve olhar sobre o relacionamento amoroso*. Disponível em: <[http://files.osmy.webnode.com.br/200000117-68cde69c7a/vida\\_a\\_dois.pdf](http://files.osmy.webnode.com.br/200000117-68cde69c7a/vida_a_dois.pdf)>. Acesso em: 19 jan. 2015.

REIS, Henrique. *Outrar-se na moda: criação de narrativas pessoais*. Disponível em: <[http://coloquiomodacom.br/anais/anais/6-Coloquio-de-Moda\\_2010/71759\\_Outrar-se\\_na\\_moda\\_-\\_criacao\\_de\\_narrativas\\_pessoais.pdf](http://coloquiomodacom.br/anais/anais/6-Coloquio-de-Moda_2010/71759_Outrar-se_na_moda_-_criacao_de_narrativas_pessoais.pdf)>. Acesso em: 30 abr. 2015.

ROCHEDO, Aline. *A Química da Paixão*. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/quimica-paixao-446309.shtml>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

RODRIGUES, Soraia; CHALHUB, Anderson. *Amor com Dependência: um olhar sobre a Teoria do Apego*. Disponível em: <<http://www.botucatu.com.br/portal/anexo/amor.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

SALGADO, Maria. *Felicidade e autoconhecimento: imagens abensonhadas em Mia Couto*. Disponível em: <[http://setorlitafrica.letras.ufrj.br/mulemba/download/artigo\\_10\\_5.pdf](http://setorlitafrica.letras.ufrj.br/mulemba/download/artigo_10_5.pdf)>. Acesso em: 30 abr. 2015.

SARAMAGO, José. Tolerância não é igualdade. In: *Globo 2003*. Disponível em: <<http://www.citador.pt/textos/tolerancia-nao-e-igualdade-jose-de-sousa-saramago>>. Acesso em: 10 out. 2015.

SARDINHA, A; FALCONE, E.; FERREIRA, M. As relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais percebidas no cônjuge. *Revista Psicologia Teoria e Pesquisa*, v. 25, n. 3, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n3/a13v25n3>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

SCHMITT, Sabine; IMBELLONI, Michelle. *Relações Amorosas na Sociedade Contemporânea*. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt>>. Acesso em: 01 mar. 2015.

SCHUBACK, Marcia. Influência, inspiração e improvisação como categorias hermenêuticas. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, n. 25, 2011. Disponível em: <<http://revistaterceiramargem.com.br/index.php/revistaterceiramargem/article/view/21>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

SCRIBEL, M.; SANA, M.; BENEDETTO, A. Os esquemas na estruturação do vínculo conjugal. *Revista brasileira de terapias cognitivas*, v. 3, n. 3, 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v3n2/v3n2a04.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

SIMEONI, Cristiane. A desconstrução do Eu em Fernando Pessoa. *Revista Desassossego*. São Paulo, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/47612/51352>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

STRATTON, P.; HAYES, N. *Dicionário de psicologia*. Tradução de Esméria Rovai. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

WENDLING, M. O casamento na contemporaneidade: construindo espaços para eu e o nós na relação. *Pensando Famílias*, Porto Alegre, v. 11, n.1, 2007.

WENDT, Bruna. *As (multi)mulheres das crônicas de Martha Medeiros: a vontade de tudo na contemporaneidade*. 2012. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/402/1/BrunaWendt.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

YANHEE, Anderson. *O que é um relacionamento amoroso: implicações e limites*. Disponível em: <<http://andersonyankee.wordpress.com/page/2/>>. Acesso em: 11 nov. 2014.